

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Tiago Lemes Pantuzzi

A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife

Versão corrigida

São Paulo

2016

Tiago Lemes Pantuzzi

A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para o exame de qualificação de mestrado em Filosofia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Scarlett Marton.

Versão corrigida

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Pantuzzi, Tiago
F187p A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a
Escola de Recife / Tiago Pantuzzi ; orientadora
Scarlett Marton. - São Paulo, 2016.
103 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Filosofia. Área de
concentração: Filosofia.

1. Nietzsche. 2. Recepção. 3. Tobias Barreto. 4.
José Oiticica. 5. Gilberto Amado. I. Marton,
Scarlett, orient. II. Título.

Folha de Aprovação

PANTUZZI, T. L. A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Profa. Dra. Scarlett Zerbetto Marton (orientadora)

Prof. Dr. Sérgio Cardoso (interno - FFLCH-USP)

Profa. Dra. Vânia Dutra de Azeredo (externo - Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE)

Aos meus pais, Paulo e Sandra.

A minha irmã, Paula.

Agradecimentos

À professora Scarlett Marton pelo carinho e dedicação durante todo o período de pesquisa, pela sua exigência e estímulo que impactou em minha formação de modo geral; figura muito admirada desde o início de meus estudos filosóficos, sinto-me muito grato pela partilha de sua sabedoria durante a realização deste trabalho e por proporcionar as diversas experiências acadêmicas.

Aos meus pais, Paulo César Pantuzzi e Sandra Cristina Lemes Pantuzzi, e minha irmã, Paula Cristina Pantuzzi, cujo apoio foi e sempre será crucial nos meus projetos de vida, em todos os seus sucessos e dificuldades. Não há palavras para agradecer ao apoio incondicional que sempre me deram e a fé que depositaram em mim.

A professora Vânia Dutra de Azeredo, integrante de minha banca de qualificação, cujas observações e análises traçaram um caminho importantíssimo para a realização da dissertação, além de ser uma grande amiga que me acompanha desde a graduação.

Ao professor Ivo da Silva Júnior, que trouxe dados importantes na minha qualificação e que se dedica há anos a pesquisa da filosofia no Brasil; fundou recentemente o Centro de Estudos Nietzsche Brasil para unir as diversas pesquisas de recepção que estão em andamento.

Agradecimento especial ao Stefano Busellato pela coordenação das reuniões e pelas leituras rigorosas da minha pesquisa, sempre atento à pesquisa de fontes e engrandecimento do meu trabalho.

A Emmanuel Salanskis, professor que coordenou o grupo de estudos e levantou diversas questões que fortaleceram minha dissertação.

Ao professor Rogério Basali que despertou meu interesse filosófico durante o ensino médio e me apresentou Nietzsche.

A Douglas Barros, professor e amigo dedicado desde a graduação, que deu diversos conselhos sobre o meio acadêmico.

A José Marcelo Siviero, querido parceiro filosófico que admiro muito e cursou o mesmo caminho de pesquisa após nossa formação em filosofia, e também me ajudou na correção do texto.

Aos amigos do Grupo de Estudos Nietzsche/GEN: Alexander Gonçalves, André Luiz Fávero, Angélica Fernandes, Braian Matilde, Célia Benvenho, Danilo Bilate, Diana Decock, Eduardo Nasser, Geraldo Dias, Hélio Simões, João Neto, Lucas Redo, Márcia Oliveira, Rodolfo Ferronato, Saulo Krieger e Vinícius de Andrade. Muito obrigado por caminharem junto comigo e pelas instrutivas conversas.

A todos os funcionários dos programas de graduação e pós-graduação da USP pela imprescindível colaboração.

Aos queridos amigos que me acompanham e dão apoio desde sempre: Wesley, Danilo Barbosa, Danilo Pac-Man, Danilo "PC", Doug, Thiago "Mangá", Leandro "Jesus", Vedo, Rafael, Natan, Harrison, Tato, Nala, Carolina, Mila, Lourdes, Teka, Neide, Aninha, Elaine, Neusa, Rica's, Wagner, Rodrigo, Rogério, Felipe Xavier, Adriana, Mapi, além de vários outros agregados.

Aos meus familiares, minhas amadas avós Zaira e Amália pela sua paciência, companheirismo e compreensão. Aos grandes pensadores Sebastião e Aparecido.

À CAPES, cujo apoio assegurou o êxito da pesquisa;

A todos todo o meu amor e sabedoria.

As grandes coisas também nascem

de pequenos começos.

(Públio Siro)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de examinar a primeira recepção de Nietzsche no Brasil, a partir das leituras que alguns intelectuais da Faculdade de Direito de Pernambuco fizeram de seus textos. A Escola de Recife surge de um movimento intelectual dentro da faculdade pernambucana que, entre seus objetivos, busca construir uma identidade cultural nacional que se distancie do predomínio europeu. Em meio a esse movimento, encontramos a menção mais antiga ao filósofo alemão num texto de Tobias Barreto de 1876. Juntamente com o escrito do professor brasileiro, há um grupo de estudiosos germanistas que, além de terem trazido obras alemãs para a faculdade, acreditaram que elas poderiam fornecer as bases de uma cultura melhor para o Brasil. Para tanto trabalharemos em quatro capítulos: no primeiro faremos a contextualização histórica do momento em que se dá a primeira citação de Nietzsche; no segundo, analisaremos mais detalhadamente o pensamento de Tobias Barreto; no terceiro, nos dedicaremos a influência que Barreto exerceu sobre José Oiticica; no quarto, veremos como Nietzsche influenciou os alunos vindouros, destacando o poeta e escritor Gilberto Amado.

Palavras-chave: Nietzsche, recepção, Escola de Recife, Tobias Barreto, José Oiticica, Gilberto Amado.

ABSTRACT

The purpose of this study is to examine the first reception of Nietzsche in Brazil based on the reading that some intellectuals from the Faculty of Law of Pernambuco performed of his texts. Escola de Recife (Recife's School) emerged from an intellectual movement within the Pernambuco faculty which, amongst its goals, aimed to build a national cultural identity that can detach itself from the European predominance. Within this movement, we can find the oldest mention to the German philosopher in a text by Tobias Barreto from 1876. Together with the Brazilian teacher's writing, there is a group of germanist scholars who, besides having brought German works to the faculty, believed that these could provide the basis of a better culture for Brazil. For such analysis, we will work with four chapters: in the first one, we will provide the historical contextualization of the moment in which the first mention to Nietzsche occurred; in the second one, we will analyze Tobias Barreto's thinking more precisely; in the third one, we will discuss the influence of Barreto on his pupil José Oiticica; in the fourth one, we will see how Nietzsche influenced future students, with emphasis to the poet and writer Gilberto Amado.

Key words: Nietzsche, reception, Recife's School, Tobias Barreto, José Oiticica, Gilberto Amado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	11
CAPÍTULO 2 - TOBIAS BARRETO: ALLEMANISMO	31
CAPÍTULO 3 – JOSÉ OITICICA: ESTILO E ANARQUISMO	49
CAPÍTULO 4 - GILBERTO AMADO: O TÔNICO VIVIFICANTE ALEMÃO	69
CONCLUSÃO	88
BIBLIOGRAFIA	91

INTRODUÇÃO

Ainda são muito escassos os trabalhos sobre a recepção do pensamento de Nietzsche no Brasil. Entre os poucos que pesquisam esse tema, é comum perceber o abalo seguido de uma grata surpresa, ao se darem conta da fortuna do material que permanece inexplorado, que sempre esteve ali mas parecia esquecido. A pesquisa acerca da recepção das ideias nietzschianas permite investigar os caminhos que percorreram antes de chegar até nós. Para tal tarefa é muito importante conhecer o solo em que apareceram os primeiros sinais de apropriação e observar como os escritos foram dispostos e apreciados para termos uma ideia do rumo de suas repercussões. Com este trabalho, damos um primeiro passo no sentido de fazer o mapeamento das apropriações de Nietzsche em nosso país. Por isso mesmo, partimos da Escola de Recife, ponto inicial da recepção brasileira, lugar da mais antiga citação explícita do nome do filósofo alemão, feita por Tobias Barreto em 1876.

Em vista da falta de trabalhos filosóficos acerca da recepção, vale destacar o ensaio de Scarlett Marton, que analisa justamente esse tema e assevera sua importância. Na obra *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*, ela escreve sobre a necessidade de trabalhos que explorem a recepção de ideias filosóficas na cena brasileira. Segundo Marton, a orientação da formação acadêmica e os seus métodos não propiciam a investigação sobre o percurso intelectual dos autores com os quais os estudantes têm contato. Ainda não se sabe como inúmeras ideias filosóficas chegaram ao Brasil, mesmo que essas ideias tenham tido impacto na cultura, na sociedade ou na política brasileiras¹. O preenchimento das lacunas que existem entre os leitores e as obras poderá contemplar questões acerca da formação do pensamento brasileiro. Não se trata apenas de uma questão histórica que traça o caminho entre a procedência e o indivíduo ou que procura encontrar os intermediários

¹ Cf. MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial, 2001. p. 253.

de tais obras, mas uma parte essencial que oferece material para a formação intelectual do país, além da compreensão de como algumas ideias estrangeiras modificaram o nosso pensamento.

Ainda não há um exame documental sobre o modo como as obras se inscreveram no cenário nacional. Nas leituras hodiernas brasileiras Nietzsche é tido como uma figura do panteão filosófico; isso pode ser visto nos trabalhos de Scarlett Marton, Gilvan Fogel e Roberto Machado. Entretanto, ainda não se sabe como a voga Nietzsche se disseminou em um primeiro momento e o que caracterizou seu início, bem como dizer se ela poderia ou não estar em consonância com uma leitura estrangeira, se existiria alguma afinidade entre elas ou um modo particular e específico de tratar o filósofo alemão entre os brasileiros. Por meio desse trabalho é possível ter o discernimento das variações pelas quais o pensamento de Nietzsche passou até receber um tratamento claramente acadêmico.

Nós nos basearemos aqui nas apropriações feitas por professores, alunos, literatos ou artistas, sem a exigência de que eles tenham qualquer fidelidade com o texto original ou que explicitem o nome do filósofo em comentários. As apropriações feitas por eles podem ser pontuais, sem que tenham necessariamente de mencionar uma obra completa ou um estudo. Entendemos que a recepção é um fenômeno coletivo; nela estão intrincados a obra, o leitor e o escritor. Assim como Nietzsche se apropriou de certos autores e os utilizou de modo a satisfazer sua necessidade, também trataremos de compreender as apropriações, mesmo que elas distorçam o texto lido a favor dos próprios leitores.

Embora um estudo desse teor não seja frequente na pesquisa filosófica brasileira, em outros países encontramos diversos trabalhos sobre o acolhimento das ideias de Nietzsche. Esse empreendimento é de extrema importância para a filosofia nietzschiana, pois seus escritos dão margem a diversas apropriações. O autor de *Assim falava Zaratustra* teve obras interpretadas por vários grupos dos quais não fazia parte, entre eles, os comunistas, anarquistas e nazistas. Sobre os diversos trabalhos que buscaram compreender a repercussão da obra do filósofo, podemos citar alguns, como o

dos pesquisadores: Gonzalo Sobejano, que retrçou o ingresso do filósofo na Espanha, distinguindo três gerações de leitores nietzschianos; Angelika Schober, que, movida pela mesma preocupação, investigou cento e dez anos da recepção na França, a partir do material literário e filosófico; Steven Aschheim que examinou, de modo temático, cem anos da recepção na Alemanha, explorando o “Culto Nietzsche”; Douglas Smith, que concebeu em *Transvaluations: Nietzsche in France* um estudo genealógico que mostra a transvaloração sofrida pelos textos do pensador na França; e Manuela Angela Stefani, que dirigiu sua pesquisa ao resgate da trajetória de Nietzsche na Itália. Certamente o estudo de outras recepções não será tomado como fonte primária para o desenvolvimento deste trabalho, mas é fundamental por fornecer instrumentos de reflexão, mostrando diversas maneiras de produzir uma pesquisa desse caráter. Em um trabalho futuro, esse tipo de conhecimento pode ajudar a traçar um panorama que mostre até que ponto a recepção brasileira pode estar ou não em consonância com recepções em outros país.

Seria impossível falar de apenas um Nietzsche em um estudo de recepção, principalmente quando se está diante do filósofo da multiplicidade, que estimula o pensamento e provoca interpretações e apropriações. Nesse sentido, o entusiasmo de suas obras atinge diretamente os leitores, que através de seus filtros seletivos moldam uma compreensão de acordo com suas necessidades. Por exemplo, na recepção alemã² e francesa³, Nietzsche

² Segundo Aschheim, o impacto político e cultural de Nietzsche no século XX foi extraordinário desde 1890 sua presença foi sentida por toda Europa, Estados Unidos e Japão. A proposta do autor de *The Nietzsche legacy in Germany* é a de analisar a natureza e a dinâmica da influência de Nietzsche na Alemanha, onde ela foi mais densa. Essa informação sobre o ponto mais denso da pesquisa parte da obra de Kaufmann, *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*, que aponta para a discussão e a apropriação de Nietzsche na medida em que seu pensamento era relevante para a política, cultura e a identidade alemã. A herança nietzschiana percorre a primeira grande guerra, a república de Weimar, os interesses políticos e o socialismo nacional. Kaufmann aponta Alfred Bäumler, Ernst Bertram e Karl Jaspers como os autores que fizeram uma má interpretação das obras do filósofo, creditando ao pensador uma ambiguidade desesperada e uma filosofia pouco coerente conhecida como a “Lenda Nietzsche”. A partir de 1890 Nietzsche alcança uma grande gama de leitores, embora isso não signifique dizer que ele não tenha recebido a devida importância. Na Alemanha, antes de 1890, Nietzsche não é tomado como um filósofo, seu prestígio ainda é latente, é conhecido apenas em algumas sociedades obscuras como o Leipzig Genius Club, fundado em 1886. William McGrath assinalou como o filósofo alemão inspirou entre 1875-1878 Gustav Mahler e Viktor Adler em sua crítica sobre a sociedade contemporânea e a insatisfação com o liberalismo, e a busca por uma alternativa. Somente a partir desse período Nietzsche emerge e passa a ter

atraiu inúmeras gerações e foi considerado uma força vital para vários grupos no campo da literatura e da arte. Um fato curioso é que no Brasil o filósofo parece ter sido apropriado pela política antes que isso acontecesse na Europa. Seus textos, mesmo fragmentados, sustentaram causas com uma grande variedade em forma, estilo e linguagem, sua filosofia plural conseguiu ecoar de modo forte e distinto mesmo em grupos políticos diferentes. Chama nossa atenção o fato de que a primeira citação de Nietzsche no Brasil coincide com o momento em que Krummel⁴, como está registrado no livro *Nietzsche und der Deutsche Geist*, encontra poucas citações do filósofo na Alemanha, o que torna a citação brasileira um pouco incomum, já que atesta a presença de Nietzsche no Brasil antes de ele se tornar popular entre os alemães. Segundo o estudo de Krummel, de 1867 a 1889, o nome do filósofo alemão foi citado na Europa setenta e nove vezes. A partir da década de 1890, há um salto e o nome passa a cobrir cento e noventa e duas páginas⁵.

Consideramos existir e contamos mostrar a presença de uma forma específica de apropriação de Nietzsche e sua obra com reflexos diretos na formação cultural da Faculdade de Direito de Pernambuco, instituição em que Tobias Barreto lecionava. Por isso, a seleção dos três membros do estabelecimento de ensino pernambucano que ficou conhecido pelo movimento intelectual que formou a Escola de Recife. A escolha dos autores Barreto, José Oiticica e Gilberto Amado se deve às apropriações feitas por eles e à diversidade das maneiras com que acolhem o texto nietzschiano. Mostraremos

uma importância nacional. A explosão do filósofo na política e cultura acontece em seu período de loucura, após o colapso de 1890. In: ASCHHEIM, Steven E. *The Nietzsche legacy in Germany, 1890-1990*. Estados Unidos da América: University of California press, 1992. pp. 4-22.

³ De acordo com o estudo de Douglas Smith em *Transvaluations: Nietzsche in France 1872-1972*, os franceses tiveram primeiro contato com alguns fragmentos que da obra *Vontade de potência (Der Wille zur Macht)* que foi produzido tendenciosamente por Elisabeth Förster Nietzsche e Heinrich Köselitz. E um dos momentos de maior influência do filósofo foi em 1930, com os movimentos políticos, principalmente com os anarquistas e socialistas. Isso nos chama a atenção porque Nietzsche foi tomado por movimentos libertários brasileiros antes que na França. Além desses problemas da recepção de uma obra não publicada, da falta de tradutores, ele não era considerado competente para ter o status de filósofo. Nietzsche era aceito como poeta ou profeta, mas também foi acusado de irracionalismo, imoralismo, irreligião e de ser um mentor bélico.

⁴ KRUMMEL, Richard Frank. *Nietzsche und der Deutsche Geist*, Band I. Nova Iorque: de Gruyter, 1998.

⁵ ASCHHEIM, Steven E. *The Nietzsche legacy in Germany, 1890-1990*. Estados Unidos da América: University of California press, 1992. p. 32.

nas apropriações feitas que o pensamento nietzschiano é utilizado, via de regra, de forma muito restrita por alguns, pois há autores que filtram somente alguns aspectos da filosofia nietzschiana. Vale citar alguns exemplos. Tobias Barreto vê na *Primeira consideração extemporânea* uma crítica ao estilo e às construções de escrita, mas parece não atentar para a crítica à cultura. José Oiticica enxerga na obra *Assim falava Zaratustra* as bases para a sustentação do modelo exemplar de um tipo de homem político, anarquista, mas desconsidera a transvaloração dos valores. Gilberto Amado demonstra ter lido várias obras de Nietzsche e mostra a intenção de analisar filosoficamente o pensador, mas não se aprofunda em diversos temas que estão presentes nos textos lidos e discorda do filósofo sobre a questão moral. Daí a indagação acerca da não utilização do pensamento filosófico de Nietzsche na Escola de Recife. Portanto, trata-se de uma abordagem que consiste em apropriações, pois as teses acerca do pensador que os estudiosos brasileiros defendem corroboram bem mais suas hipóteses do que investigam o pensamento nietzschiano.

Em Tobias Barreto não se encontra uma interpretação que abarque ao menos uma obra de Nietzsche em sua totalidade, de modo que, diferente de José Oiticica, que se debruça sobre *Assim falava Zaratustra* e *Crepúsculo dos ídolos*, Barreto faz uma investigação parcial somente da *Primeira consideração extemporânea*. Fizemos a análise porque, mesmo que a leitura do pensador sergipano não abarque tantos textos como as subseqüentes, é uma primeira leitura cuja abordagem influenciou as seguintes que se fizeram na Escola do Recife.

A limitação das leituras feitas em Recife traz à tona algumas inquietações: Por que os estudiosos não levaram em conta as ideias filosóficas de Nietzsche, por que não fizeram uma interpretação em conjunto da obra, enfim, o que faz com que na Escola do Recife Nietzsche possa ser tomado de tantas maneiras, mas não como um filósofo? Em que medida os membros da Faculdade pernambucana, ao procurarem se distanciar dos estudos europeus, na tentativa de criar um pensamento próprio, não se apropriaram de Nietzsche

em vista da construção de uma identidade cultural em Pernambuco?⁶ Será que os escritos nietzschianos faziam parte do projeto de Tobias Barreto? Estariam relacionados com a proposta de distanciamento do predomínio europeu tendo em vista a elaboração de uma filosofia nacional?

Questões como essas fornecem o fio condutor de investigação da especificidade da instituição brasileira e dos autores selecionados. Essas particularidades permitem a comparação com leituras estrangeiras, mesmo que esse não seja o foco de nosso trabalho. Na primeira recepção alemã, o aspecto artístico é caracterizador; na França a recepção aparece em uma tomada política. Contudo, nessas apropriações que antecedem o estudo rigoroso de Nietzsche, não encontramos nenhuma outra recepção que trate o filósofo alemão primeiramente como um linguista e depois anarquista, como acontece no Brasil⁷.

A indagação sobre o início e o sentido da recepção traz em si seu lado histórico, com a análise dos primeiros trechos citados, e seu lado filosófico, com a busca de um sentido para tal uso. Por exemplo, a leitura aparentemente fragmentada de um texto feita por Tobias Barreto pode ser uma idiossincrasia, uma predisposição, uma aspiração política que inibe ou desvia o foco do tema cardeal do escrito. Desse modo, as circunstâncias históricas ou até mesmo pessoais podem afetar a apreensão dos documentos. Parte da tarefa dessa pesquisa é mapear e contextualizar a leitura através de uma análise histórico-filosófica que capta uma fração do ambiente social dos leitores.

Este trabalho organiza-se em quatro capítulos. No primeiro deles, mapeamos historicamente o momento que marca a primeira apropriação do pensamento de Nietzsche no Brasil, trazendo a contextualização histórica do

⁶ Cf. PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

⁷ A relação entre os escritos de Nietzsche e a política é algo presente em outras recepções, ainda que de forma restrita. Dentre elas podemos citar a Alemanha e a França. Em ambos os casos, a leitura filosófica apareceu somente depois do desmoronamento dos movimentos operários libertários. In: COLSON, Daniel. Nietzsche e o anarquismo. In: *Revista Verve*, 13, São Paulo, 134-167, 2008.

trecho em que o filósofo é citado, assim como o influxo dos acontecimentos na leitura dos membros da Escola de Recife. A identidade cultural da instituição é de extrema importância para a compreensão do seu foco no pensamento alemão.

No capítulo seguinte, contamos analisar como a Escola de Recife trata inicialmente os escritos de Nietzsche, abordando principalmente o pensamento de Tobias Barreto, além de outros pensadores que o circundam, para que se possa avaliar a maneira pela qual o filósofo foi apropriado. Destacamos também a importância do “allemanismo” para a instituição, o projeto de Barreto e Sílvio Romero para criar as bases de uma cultura melhor para o Brasil.

Na terceira parte, examinamos mais um membro da instituição pernambucana, que leva sua formação dos estudos alemães para além das fronteiras de Pernambuco. José Oiticica é participante e organizador de movimentos libertários em São Paulo e no Rio de Janeiro. Além de escrever em jornais sobre diversos assuntos, é também professor de literatura no Colégio Pedro II, tendo o estilo da escrita como um dos seus principais temas em sala de aula.

No último capítulo seguimos inicialmente um registro de memórias de Gilberto Amado, um dos famosos alunos da Escola de Recife, asseverando a importância da biblioteca do estabelecimento de ensino com foco em autores alemães. A riqueza dos livros trazidos da Alemanha para Pernambuco tem grande impacto sobre a formação dos estudantes. Amado é um aluno que fica fascinado com as obras do pensador alemão e, através delas, descobre novos caminhos do conhecimento.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O nascimento da faculdade pernambucana aconteceu durante o Império de Dom Pedro I, momento em que surgiram as primeiras faculdades de Direito no Brasil, resultado de um projeto datado de 31 de agosto de 1826. Nessa iniciativa, os dois primeiros lugares escolhidos para abrigar os centros de estudos jurídicos foram Olinda e São Paulo. No momento não havia outro estabelecimento de ensino superior no Nordeste, por isso a instituição era tão atrativa para as outras províncias, tornando-se um dos polos de movimentos intelectuais da época⁸. A Faculdade de Direito de Pernambuco foi um dos institutos brasileiros pioneiros, inaugurado por Carta de Lei da Assembleia Geral de Dom Pedro I em 11 de agosto de 1827⁹. Em 1870 nasce a Escola de Recife como resultado de um movimento intelectual dentro da Faculdade de Direito, disseminando suas ideias para as grandes capitais. Dentre os inúmeros intelectuais, os maiores representantes são Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Bevilacqua e Euclides da Cunha, todos participantes da conhecida “Geração de 1871”.

A compreensão do que se encontra acerca do pensamento nietzschiano nas citações dos alunos de Recife, do fundador Tobias Barreto, assim como em José Oiticica e Gilberto Amado, estão conectadas com a motivação intelectual que surgia naquele momento. Segundo o historiador Boris Fausto, o período regencial, estágio entre a abdicação de D. Pedro I e a proclamação da maioria de D. Pedro II, foi um dos mais movimentados na história do Brasil. A Escola de Recife está entre resultados e consequências desses acontecimentos e da turbulência política pela qual o país passava, pois estava em discussão a unidade territorial do Brasil, a província da qual

⁸ “A Faculdade de Direito da capital pernambucana, por ser à época o único estabelecimento de ensino superior no Nordeste, recebia alunos das diversas províncias daquela região. Essa circunstância permitiu a irradiação das ideias da Escola do Recife, formando-se alguns núcleos de seus partidários no Ceará, em Sergipe e na Bahia”. (PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.p. 69.)

⁹ Cf. PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

Pernambuco fazia parte¹⁰. Nesse momento, tivemos o período de regência na qual Feijó queria adotar uma prática liberal que se distanciasse do absolutismo. Mas essa tentativa causou vários choques entre a elite e os interesses dos grupos locais. Na disputa, venceu a tendência política dos liberais moderados, cuja maioria era de políticos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Desse modo, reformas foram feitas na tentativa de suprimir ou diminuir as atribuições de órgãos à monarquia.

Em 1840 há a Fase do Regresso, em que os liberais promovem na Assembleia Geral a ascensão de Pedro II, que assume o trono aos catorze anos de idade. Essa atitude é tomada para que os liberais se beneficiem da centralização política e do reforço da figura do imperador, em que o aparelho administrativo e judiciário volta ao governo central. Dessa forma cada província teria um chefe de polícia que poderia investigar, julgar, processar e aplicar pena às pessoas, dando origem à Guarda Nacional. O Exército se encarregaria de garantir as fronteiras e a estabilidade geral do país. Entretanto, enquanto os liberais se focavam nas medidas centralizadoras, eles se esqueciam da necessidade de uma base social de apoio. Os conservadores percebiam que o governo imperial carecia de uma sólida base social no grande comércio e na grande agricultura, pois se firmavam na massa inquieta e desiludida do campo ou das cidades. Em 1842 o jornalista conservador Justiniano José Rocha já previa algumas revoltas liberais que começam a aparecer no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, em que os grandes proprietários rurais se sentiam desfavorecidos¹¹. Dessa forma, em 1848 irrompe em Pernambuco a Revolução Praieira, que influenciará o sergipano Tobias Barreto.

É importante lembrar que 1848 não foi um ano qualquer, pois nele uma série de revoluções democráticas varreu a Europa. Em Olinda e Recife, respirava-se o que um autor anônimo, adversário das revoluções, chamara muitos anos antes de

¹⁰ "Naqueles anos, esteve em jogo a unidade territorial do Brasil, e o centro do debate político foi dominado pelos temas da centralização ou descentralização do poder, do grau de autonomia das províncias e da organização das Forças Armadas." (FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 139.)

¹¹ Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 152.

“maligno vapor pernambucano”. O vapor se compunha agora também da crítica social e ideias socialistas. Um exemplo crítico social contundente é Antônio Pedro de Figueiredo, apelidado de Cousin Fusco, por ser mulato (fusco) e ter trazido para o português uma *História da Filosofia* do escritor francês Victor Cousin¹².

Embora a Revolução Praieira estivesse em um terreno ocupado por ideias socialistas, ela não foi uma revolução socialista, pois aconteceu pelo fracasso do controle da província para os conservadores. A luta durou até 1850 e resultou na abolição do Poder Moderador, expulsão dos portugueses e na nacionalização do comércio e varejo. Em vista das análises precedentes e do impacto histórico de tais episódios, pode-se afirmar que a Praieira foi a última revolução provincial e marcou o fim do ciclo revolucionário de Pernambuco. Entre as novidades que aparecem nesse momento, está a defesa do sufrágio universal sem a exigência de um mínimo de renda e as obras francesas que chegaram a Recife dando força ao “maligno vapor pernambucano” com ideias de crítica social e socialismo¹³. O vapor pernambucano é causado pelas discussões acaloradas na Escola de Recife, chegam novos livros, novas ideias e novos pensadores que abrem novos horizontes.

Dos diversos seguidores de Tobias Barreto, poucos certamente atuaram em condições tão desfavoráveis como esse núcleo sergipano. Província pequena e pobre, sem ter produzido nunca mercadoria importante de exportação que lhe desse o mínimo de florescimento econômico, Sergipe seria à época um centro de obscurantismo, abrir ali caminho para ideias em desacordo com a tradição, representava uma empreitada que se revestia de lances de verdadeiro heroísmo¹⁴.

Fausto aponta que ideias socialistas foram veiculadas em Recife, a pedido do presidente da província, para embelezá-la. "Não era o socialismo de

¹² FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 152.

¹³ Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 154.

¹⁴ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 70.

Marx, pouco conhecido naquela altura, mesmo na Europa, mas o de autores franceses como Proudhon, Fourier e o inglês Owen”¹⁵. A valorização e a disseminação dos franceses no país não é algo que acontece por acaso, mas a pedido do governante da região. Por isso Sergipe e Pernambuco eram considerados um centro de obscurantismo, eles se opunham à essa tradição de pensadores franceses recomendados pelo governo. A motivação e a insistência da Escola do Recife em persistir em um estudo enraizado na cultura alemã é algo que vai além do projeto da província. Tobias Barreto é o regente dos debates, intensificando os ânimos contra os programas de estabelecimento oficiais e criticando de forma agressiva os pilares doutrinários da Academia e do Direito que tinham como base um positivismo religioso.

Deve-se acentuar que a presença de Tobias Barreto na Faculdade de Direito contribuía para exacerbar os ânimos e dar ao debate das ideias aquela agressividade tão peculiar à personalidade do pensador sergipano. A existência entre os professores de três mestres que defendiam opiniões de todo em desacordo com o teor e o espírito dos programas dos estabelecimentos oficiais de ensino não significa que na velha Academia não mais predominasse aquele corpo de doutrinas que tinham por pilastra a atribuição de uma origem divina para o direito¹⁶.

A divergência entre os centros de ensino, cada um com sua base em um estilo europeu, causou a rivalidade entre as escolas. Essa condição é comentada por Sílvio Romero; ele escreve que a Escola de Recife trazida por Tobias Barreto era chamada “ridiculamente de escola *teuto-sergipana*” por escritores fluminenses e jornalistas da corte imperial. Em contrapartida, Barreto apontava seus opositores como membros da “escola *gallo-fluminense*” na tentativa de debochar daqueles que os ridicularizavam. É possível observar em algumas cartas e textos, seja do próprio Tobias Barreto ou de historiadores, que existia uma disputa entre as escolas; algumas seguiam os franceses, outras os portugueses e em Pernambuco surgia essa tendência alemã que era

¹⁵ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 152.

¹⁶ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 54.

nova, impopular e considerada duvidosa por outras instituições. A oposição também é tratada no livro lançado em 1878, *A filosofia no Brasil*, de Sívio Romero, em que o autor questiona o meio acadêmico carioca ao mesmo tempo em que tece inúmeros elogios ao Tobias Barreto¹⁷. A concorrência entre as instituições de ensino também vem da formação de uma frente que a Escola de Recife faz contra o positivismo. Enquanto os alunos do Rio de Janeiro se formavam tendo como base o comtismo, em Recife os estudos progrediam em torno das obras de Herbert Spencer.

Nos meados da década de 70, o desejo de renovação do campo filosófico e o rompimento com o ecletismo espiritualista já se faziam assinalar nos vários centros culturais do país. No Rio de Janeiro, fruto da aliança entre os grupos litterariano e comteano, funda-se a Sociedade Positivista. Começavam a aparecer as primeiras obras daqueles que seriam mais tarde os líderes teóricos do positivismo religioso e do positivismo ilustrado¹⁸.

A guerra do Paraguai foi de grande importância para Tobias Barreto, pois sua inclinação filosófica coincide com a fase de efervescência política no Brasil. Também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança, ela dura de 1864 a 1870 e é tida como o acontecimento internacional que marca o período do Segundo Império. Entre os historiadores, há várias versões sobre o que teria sido tal guerra. Para Boris Fausto¹⁹, no Brasil a guerra é conhecida como resultado dos planos expansionistas do ditador paraguaio Solano López e pela capacidade militar brasileira e seus feitos heroicos. No Paraguai há uma historiografia oposta, em que os poderosos países vizinhos agrediam o pequeno país independente. Como pode ser visto na obra *História do Brasil*, ainda há historiadores de esquerda que compreendem que o conflito teria sido provocado pelo Imperialismo Inglês ou como resultado da passagem da

¹⁷ Sívio Romero pode ser considerado o maior defensor de Tobias Barreto. Em 1909 ele escreve *Zeveressimações ineptas da crítica*, em que ataca José Veríssimo por não dar a importância merecida de Barreto em sua obra.

¹⁸ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p. 19.

¹⁹ Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 208.

América Latina dos ingleses para os norte-americanos. Entretanto, Fausto considera a guerra como o "processo de formação de Estados nacionais da América Latina e da luta entre eles para assumir uma posição dominante no continente"²⁰. O Paraguai perde a guerra, assim como parte de seu território e quase metade da população. Para o Brasil o resultado é um maior endividamento com a Inglaterra e a afirmação do Exército como uma instituição com fisionomia e objetivos próprios, o que caracterizará um dos problemas que culminará na crise do Segundo Reinado, que é marcado pelo início do movimento republicano, pelos problemas do Império com a Igreja e o fim da escravidão.

A explicação mais razoável é de que a iniciativa resultou de uma opção do imperador e de seus conselheiros. Embora não tivesse, ocorrendo insurreições de escravos, considerava-se nos círculos dirigentes, logo após a Guerra do Paraguai, que o Brasil sofria de uma fraqueza básica em sua frente interna, pois não podia contar com a lealdade de uma grande parcela da população. O encaminhamento da questão servil, mesmo ferindo interesses econômicos importantes, era visto como um mal menor diante desse problema e do risco potencial de revoltas de escravos²¹.

Junto com o desempenho em uma campanha política renovadora pós-guerra, Barreto rompe com a filosofia oficial do Império e se liberta da mentalidade brasileira comprometida com a teologia e o conservadorismo, alforriando-se do tradicionalismo. Esse rompimento do fundador da Escola de Recife "não representa fenômeno isolado, mas eco do novo estado de espírito pelo qual vão se deixando empolgar aquelas camadas politicamente ativas e verdadeiramente representativas da jovem Nação"²². Sem dúvida, o surto de ideias novas fomenta a busca do pensador sergipano por novos materiais;

²⁰ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 209.

²¹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 218.

²² Trecho da introdução feita pelos especialistas nos estudos da Escola do Recife e Tobias Barreto Paulo Mercadante e Antonio Paim in: BARRETO, Tobias. *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 14.

momento em que se encaixa a viabilidade ao acesso aos textos alemães. Graça Aranha, aluno da faculdade pernambucana, aponta a importância de Tobias Barreto para a instituição em um depoimento. A citação do escritor e diplomata maranhense é muito interessante, pois mostra traços que esboçam o início do movimento intelectual da Escola do Recife.

O que ele dizia era novo, profundo, sugestivo. Abria uma nova época na inteligência brasileira e nós recolhíamos a nova semente, sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros que por ela nos transformávamos. [...] Prossequíamos impávidos, certos de que, conduzidos por Tobias Barreto, estávamos emancipando a mentalidade brasileira, afundada na teologia, no direito natural, em todos os abismos do conservadorismo²³.

Em meio a toda essa agitação e efervescência aparece o movimento intelectual na Faculdade de Direito de Pernambuco que resulta na famosa Escola de Recife, a célebre instituição que contava com reflexões filosóficas e jurídicas na tentativa de criar uma identidade cultural. As discussões filosóficas ganhavam a mesma importância que os assuntos jurídicos, retirando o Direito de seu altar sagrado. Famosa pelos estudos políticos, o escopo da Escola também caminhava pelo terreno da literatura e da poesia, mas passou a ter a filosofia como elemento unificador, já que o corpo docente e discente sempre incluía a discussão filosófica nas disciplinas jurídicas. Dentre os inúmeros objetivos da Faculdade pernambucana estava o desenvolvimento de uma autonomia nacional e a tentativa de construir uma individualidade, algo que não se pautasse somente nas influências europeias. Essa incumbência cultural em Recife era tão importante que o grupo formado por Barreto continuou com essa missão mesmo após a morte do fundador da escola. Partindo dos objetivos da instituição, que desejava iniciar formação intencionando a legitimidade, emerge a questão de se essa nova visão trazida pelo movimento iniciado por Tobias

²³ Depoimento de Graça Aranha trazido pelos especialistas nos estudos da Escola do Recife e Tobias Barreto Paulo Mercadante e Antonio Paim in: BARRETO, Tobias. *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 20.

Barreto conseguiria dar lume a uma especificidade na abordagem das obras de Nietzsche.

Assim, em torno a Tobias Barreto, forma-se numeroso grupo de partidários entusiasta das novas doutrinas: Artur Orlando, Clóvis Beviláqua, Martins Júnior, França Pereira, Teotônio Freire, José Freitas, Faelante da Câmara, Graça Aranha, Gumercindo Bessa, Fausto Cardoso e inúmeros outros. A grande maioria fez-se jurista. Outros dedicaram-se principalmente à literatura, como Graça Aranha, França Pereira e Teotônio Freire. Clóvis Beviláqua e Faelante da Câmara, entrando para o corpo docente da Faculdade, depois da morte de Tobias Barreto, em 1891, incumbiram-se de levar suas ideias até as novas gerações, enquanto as condições do País favoreceram essa missão²⁴.

Antonio Paim, pesquisador especialista nas questões da Escola de Recife e seus membros, expõe em seu livro sobre a filosofia do Recife que os alunos recifenses conheceram muitos dos autores estrangeiros através da Questão Coimbrã. Comenta também sobre estímulo que tinham em constituir uma tradição cultural autônoma, na qual os brasileiros tentavam se livrar do peso da herança cultural portuguesa para conquistar um espaço para sua autonomia.

Possivelmente, a fonte imediata para o conhecimento desses autores teria sido a famosa disputa literária ocorrida em Portugal, por volta de 65, e que passaria à História com o nome de *Questão Coimbrã*. Esse e outros fatos terão contribuído, sem dúvida, para sugerir caminhos na busca de idéias novas em que iria lançar a intelectualidade brasileira, como pretende José Veríssimo. À conta destes, entretanto, é que não se pode explicar o movimento de idéias no Brasil, já que o principal estímulo que o nutria era a própria sociedade brasileira que buscava estabelecer uma tradição cultural autônoma. O peso da herança cultural portuguesa e os próprios vínculos com a antiga metrópole são sem dúvida um dado da questão. Mas esta envolve ainda o estímulo próprio. De todos os modos, as obras de Scherer, Renan, Max Müller e Taine, que já então eram do conhecimento dos alunos da Academia recifense, influíram sobre Tobias Barreto no sentido de leva-lo ao

²⁴ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p. 56.

rompimento com o espiritualismo. Contribuíram também para o despertar o seu interesse por esse tema a que dedicou alguns dos artigos de 1870²⁵.

Podemos observar essas características da preocupação pelo estabelecimento de uma tradição cultural autônoma em um texto que faz parte da obra completa de Tobias Barreto lançada pelo Governo do Estado de Sergipe em 1923, as *Considerações indispensáveis de Sylvio Romero*²⁶. A parte introdutória é uma pequena apresentação dos textos selecionados para a publicação das obras completas e também serve para esclarecer alguns pontos que o comentador considera urgente para novos leitores, elucidando algumas características sobre o escritor, jurista e filósofo sergipano. Esse escrito inserido nas obras completas é importante, pois é de um contemporâneo de Barreto e também uma apologia do movimento intelectual pernambucano e de seu fundador, e mostra a motivação da Escola de Recife e a estima que seus membros tinham pela cultura alemã. Pode-se observar um desses momentos de intimidade com a língua tedesca quando Romero²⁷ afirma que Tobias Barreto foi o inaugurador e criador do “allemanismo” na literatura brasileira. Na introdução ele diz:

Era uma cousa por todos sabida, e geralmente repetida até como uma censura, uma grave critica, que essa corrente havia sido aberta em nossas lettras por Tobias Barreto, secundado n'este ponto pelo signatario destas linhas²⁸.

Romero mostra admiração e respeito por Tobias Barreto ao tomar a posição de defesa na questão da importância e do papel do autor sergipano

²⁵ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 12.

²⁶ Esse texto acompanha também a 2ª edição dos Estudos Alemães publicado por Sílvio Romero em 1892. Embora a edição de 1923 lançada pelo Governo do Estado de Sergipe traga o texto introdutório com o nome do autor Sylvio Romero, consideramos que isso seja uma característica da grafia da época, pois todos os livros do autor, assim como os livros de seus comentadores, o trazem como Sílvio Romero.

²⁷ Sílvio Romero (1851-1914) foi crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Em 1868 se matriculou na Faculdade de Direito de Pernambuco.

²⁸ ROMERO, Sílvio. *Considerações indispensáveis de Sylvio Romero*. p. XV. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

que, além de ser o fundador da Escola de Recife, é também o precursor do germanismo brasileiro. O historiador da literatura brasileira aponta que ele iniciou três evoluções na vida intelectual do país e para todas elas apareceu um usurpador reivindicando os títulos da precedência. Nesse sentido, o primeiro movimento foi o do germanismo, que Tobias Barreto trouxe para as terras brasileiras, mas que foi dito por alguns jornalistas do período que teria sido trazido pelo escritor alemão Carlos de Koseritz. O mal entendido aconteceu porque o jornalista transcreveu um texto de Barreto no jornal de que fazia parte. Romero também traz o poeta baiano Castro Alves, que foi tido por seus bajuladores como o responsável pela reação condoreira contra o subjetivismo do romantismo poético²⁹. E por fim, na reação do naturalismo darwiniano no direito, apareceu José Hygino Duarte Pereira que publicou artigos forjados a partir do arranjo de textos já escritos por Barreto e publicados na obra *Estudos de Direito*³⁰.

Chegando ao Recife, Tobias Barreto afirma sua condição de poeta, dedicando à cidade, que ele chama de “cabocla civilizada”, o poema “À Vista do Recife”, entrada triunfal para o condoreirismo que iria marcar sua trajetória poética de romântico da quarta geração. É o poeta que domina os primeiros anos de Tobias no Recife. Poeta inflamado, conclamando o povo para a luta, tendo como mote a guerra do Paraguai. É ele que devolve aos pernambucanos a capacidade de crer, novamente, no futuro, depois das derrotas de 1817, 1824, 1842 e 1848. Nas poesias do sergipano flui a convocação patriótica, que recebe do povo mais que aplauso nas ruas, nos teatros, pelos locais públicos, a consagração literária, afirmando um talento que rivaliza com Castro Alves, poeta da Bahia³¹.

²⁹ O condoreirismo faz parte da terceira fase da poesia romântica no Brasil e tem o aspecto social como principal característica. As poesias tinham como tema o abolicionismo e a república. Castro Alves, autor criticado por Sílvio Romero no texto, ficou conhecido como o poeta dos escravos pelo seu poema *Navio negreiro*.

³⁰ Cf. ROMERO, Sílvio. Considerações indispensáveis de Sylvio Roméro. p. XVII. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

³¹ BARRETO, Luiz Antonio. Tobias Barreto: uma bibliografia. In: BARRETO, Tobias. *Crítica de literatura e arte*. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 12.

Barreto é figura popular tanto na faculdade quanto na cidade pelas suas disputas poéticas com Castro Alves e pelas fortes críticas que tecia ao cristianismo. Suas convicções acerca dos assuntos religiosos o deixavam constantemente em debates polêmicos com os católicos. “Advogava Tobias Barreto o mais absoluto respeito aos sentimentos religiosos, tendo manifestado sempre a preocupação de circunscrever ao terreno filosófico as suas divergências com os católicos³²”. O período em que o sergipano passa no município de Escada, em Pernambuco, é decisivo para o rumo de sua vida intelectual, pois é onde ele estabelece sua relação com a cultura alemã e disso decorre seu rompimento com o positivismo. Ruptura que se dá porque o fundador da Escola de Recife acredita que os partidários de Comte não poderiam satisfazer as solicitações da intelectualidade. O positivismo não podia responder a todas as questões de Tobias Barreto, pois, dentre seus problemas estava a indagação da essência e dos limites da filosofia, e para isso seria necessário a metafísica³³.

O próprio Tobias Barreto relata que, por ocasião da defesa da tese por Sílvio Romero, na Faculdade de Direito do Recife, quando este declara que a metafísica estava morta, “já eu nutria minhas dúvidas a respeito da defunta, que o positivismo tinha dado realmente por morta, porém que ainda sentia-se palpitar”. [...] Temos assim que a rejeição do positivismo foi o resultado da busca por uma solução da questão que se propunha a si mesmo já nos primórdios do seu contato com a doutrina de Augusto Comte, isto é, a determinação dos limites em que se poderia aceitar a metafísica, entendida esta como a discussão de problemas propriamente filosóficos. Este o objetivo a que se propôs Tobias Barreto, segundo se pode deduzir das restrições opostas ao positivismo no estudo “A religião Natural de Jules Simon”, escrito em 1869, antes comentado³⁴.

Sílvio Romero escreve que “Desde os começos d’este seculo allemães distinctos têm estado em contacto com os brasileiros e podendo despertar o gosto pelas ideias e pela cultura allemans. Em várias categorias se

³² PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.p 13.

³³ Cf. PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 16.

³⁴ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 41.

podem elles dividir”³⁵. Entre os primeiros alemães que chegaram ao Brasil estavam aqueles que passaram no período colonial devido ao seu trabalho científico, o autor cita Martius, de Spix, de Pohl, de Eschwege. Em meio aos que se estabeleceram e construíram uma vida no Brasil estavam Fritz Müller, von Ihering, Göldi, Schwacke. Entre os inúmeros alemães, o autor destaca Fernando Schmid, Carlos Jansen, Hugo Grüber e Carlos Koseritz. “Nenhum d’elles, porém, foi em qualquer grão, o propagandista da necessidade do abandono da intuição franceza e da passagem para a intuição germanica, como um reforço do pensamento brasileiro”³⁶. Romero destaca que, entre 1852 e 1874, Koseritz fez jornalismo político no Rio Grande do Sul, participou de inúmeras discussões e debates, mas nunca fez a propaganda iniciada por Tobias Barreto no Recife em 1870.

Assim, a influência sofrida por Tobias Barreto, se provinha de uma única fonte, a Alemanha, não pode ser compreendida como a de um único sistema, pronto e acabado. Atuava, por outro lado, como estímulo às suas pesquisas filosóficas, o ambiente nacional e a luta em que se engajara contra o tomismo e o positivismo³⁷.

A relação de Barreto com os textos estrangeiros não vem de traduções, mas do original; ele aprende alemão comprando um dicionário e um livro de gramática em um livreiro de Recife e encomenda o livro *Geschichte des Volkes Israel* de Ewald. “Tobias apaixonou-se pela língua, pelos autores, pelas idéas, por tudo quanto vinha da Alemanha, e não abandonou mais até morrer o seu querido *allemanismo*”³⁸. A aproximação que o professor sergipano tinha das obras alemãs ainda é uma incógnita até entre os especialistas do autor, Antonio Paim escreve sobre essa relação com as obras alemãs no livro *A filosofia da Escola do Recife*.

³⁵ ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Romero, p. XVII. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

³⁶ ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Romero, p. XVIII. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

³⁷ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 44.

³⁸ ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Romero, p. XX. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

Não sabemos ao certo quando conseguiu ler com desembaraço nessa língua. Segundo sua própria indicação, no último ano da Faculdade (1869) fizera uma tentativa de aprendê-la. O certo, entretanto, é que já nos primeiros escritos de Escada (1871/72), aparecem referências a trabalhos de filósofos alemães seus contemporâneos. Quanto a Haeckel, é possível que só viesse a conhecê-lo mais tarde. Num artigo de 1875, menciona a *História Natural da Criação*, de Haeckel (publicada, na Alemanha, em 1868), e o considera, juntamente com Edward von Harmann, “homens de reputação feita, reconhecidamente sábios”³⁹.

Romero aponta que a leitura de franceses em Recife entre 1868 e 1870 fez com que seu apreço pela cultura germânica só crescesse. Entre os autores franceses citados estão Guizot, Thierry, Ampère, Taine, Scherer, Renan, Michel Nicolas, Reuss, Lavelleye, de Gobineau. O primeiro artigo filosófico escrito por Tobias Barreto foi sobre Guizot e a escola espiritualista do século XIX, publicado em 1868. O professor de Recife refuta a tese de Guizot que considera a escola de Cousin tímida e orgulhosa por não aceitar os dados da revelação cristã. Segundo Paim, o artigo filosófico de Barreto já mostra certo lampejo do espírito de rebeldia do autor. Pois ele diferencia o ecletismo de Cousin e as tentativas de restauração escolástica contra o sensualismo⁴⁰. Na época de formação do professor sergipano, na década de 1860, o Brasil só contava com uma corrente filosófica efetiva, a do ecletismo espiritualista, considerada a filosofia oficial do Segundo Reinado que se inicia em 1840 com a declaração de maioridade de Dom Pedro II. A doutrina de Victor Cousin⁴¹ era ensinada nos cursos preparatórios da Faculdade de Direito em Recife e São Paulo, assim como na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e Salvador. “É compreensível, pois, que Tobias Barreto tivesse acesso à meditação filosófica

³⁹ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 41.

⁴⁰ Cf. PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p. 5.

⁴¹ Victor Cousin atuou em várias áreas, ficou famoso como líder da escola eclética e fez parte da Academia Francesa de Letras. Atuou em filosofia, política, história e educação francesa. Também conhecido por editar a obra de Descartes e traduzir Platão.

pela mão dos partidários brasileiros de Cousin⁴². Mas em 1869, no último ano da faculdade, Barreto publica alguns textos que assinalam seu rompimento com o ecletismo.

É nessa fase que aparecem as primeiras menções a Nietzsche, que se caracterizam pelo afastamento do positivismo decorrente da rejeição à possibilidade de abandonar a filosofia, trazendo para primeiro plano os problemas metafísicos recusados pelos partidários do positivismo.

Tobias Barreto dirá ali que o ecletismo espiritualista de Victor Cousin não passa de um novo gênero literário, “gênero vago, amorfo e indeciso”, “não conhecemos eclético espiritualista da família de Cousin que pareça ter uma ruga na fronte e uma inquietude na alma pelas dúvidas e questões que acometem o pensamento”⁴³.

Romero também ajudou a propagar o “allemanismo” no espírito popular brasileiro, sobretudo com a utilização da crítica alemã, pois através dela a Escola do Recife revigoraria a individualidade nacional. Para ele, antes das nações atenderem aos seus instintos particulares, elas deviam se voltar para o progresso da civilização, lutando por ele. Nesse sentido, o Brasil deveria se corrigir e Romero traz a Alemanha como exemplo. No entender do autor, não é um bom exemplo uma nação seguir outra, mas deve-se compreender a relação com os grandes povos, com aqueles que representam um papel original na história.

O ideal, porém, da Alemanha como exemplo a seguir tem tudo de nobilitante, d’ella é que podem vir melhores ideias que o reanimem, sem tirar-lhe a consciencia de seu proprio ser. A corrente francesa tem suffocado, pela imitação, a individualidade d’este povo: o germanismo, que fornece ideias

⁴² Trecho da introdução feita pelos especialistas nos estudos da Escola do Recife e Tobias Barreto Paulo Mercadante e Antonio Paim in: BARRETO, Tobias. *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 14.

⁴³ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 9.

em vez de frases, vivificará a personalidade perdida por meio da crítica de nós mesmos⁴⁴.

Para Romero, uma escola severa é necessária para os países que não conseguem se corrigir. Por trás dessa correção do povo brasileiro se encontra a necessidade que Romero vê de ordenar, melhorar, pôr em bom estado, arrumar, reparar ou remediar a população, como se ela mesma não pudesse resolver seus próprios problemas e precisasse de uma configuração “elevada” vinda de fora para se tornar um grande povo, o povo ideal. Afirma também que no Brasil há um povo que não tem vida própria, que não passam de intérpretes de vulgaridades lusas e francesas⁴⁵. Essa afirmação parece mostrar preconceito com a população brasileira, mas o professor Marcelo Chiaretto aponta em seu artigo, “O nativismo crítico e germanista de Sílvio Romero”⁴⁶, que o autor procura o *Volksgeist*, o espírito nacional do povo. As críticas são feitas tendo como base a preocupação com o desenvolvimento de um espírito nacional, algo que desempenhasse um papel ativo na formação da consciência do país, mesmo que fosse à custa de choques violentos e radicais. Embora possa soar como algo hostil, a meta seria o estabelecimento de uma nação culta, livre e original. Romero afirma que no domínio das ideias há duas grandes manifestações, a ciência e a literatura. “Quanto á primeira, Tobias é muito ilustrado para pretender que *ella seja um patrimonio da Allemanha*, como uma intelligencia má do seu pensamento tem podido sugerir”⁴⁷. Para o escritor crítico do Brasil, a ciência contemporânea tem sua sede principal na Alemanha, mas é um produto da civilização ocidental. Quanto à literatura, a qualidade poética de Barreto o fazia perceber que ela não era um patrimônio alemão, mas mesmo assim considerava de grande importância que a disciplina do pensamento e a severidade alemã fizessem parte da formação brasileira.

⁴⁴ ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Roméro, p. XXI. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

⁴⁵ CANDIDO, Antonio. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, São Paulo: Edusp, 1978. p. 3-5

⁴⁶ Cf. CHIARETTO, Marcelo. O nativismo crítico e germanista de Sílvio Romero. In: *O eixo e a roda: revista de literatura brasileira*, Minas Gerais, v. 21, n. 2, p. 145-160, 2012.

⁴⁷ ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Roméro, p. XXI. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

Quanto á litteratura, elle é muito bom poeta para pretender que o cunho da nacionalidade possa della no todo ausentar-se. Quer em um ou outro ramo, teve sem dúvida em vista a disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas constituem o sello da intelligencia tedesca. Quer que contrahamos tão salutaes hábitos no estudo severo da sciencia e da litteratura germânicas, incontestavelmente as mais fecundas da actualidade⁴⁸.

Essa fase descrita por Romero é conhecida como o terceiro momento da história da escola. Segundo Paim, a Escola de Recife passou por quatro fases. A primeira vai da década de 1860 até 1875 e se caracterizava pelos formadores como simples participantes do movimento que buscava alcançar a renovação no campo das ideias. A segunda fase é marcada pela morte da metafísica trazida por Romero e as meditações sobre o problema trazidas por Barreto. O livro *A Filosofia no Brasil* marca a transição e o rompimento com o positivismo. A terceira fase se dá na década de 1880 e corresponde ao apogeu, com a corrente da Escola de Recife enfrentando o positivismo e o espiritualismo, além da publicação dos estudos de Barreto e de vários membros da Escola. A última fase é a do declínio em que há o abandono da atividade filosófica e o fim da publicação sistemática de obras e estudos, época também marcada pela morte de Fausto Cardoso em 1906. Mesmo após a morte de Tobias Barreto, os estudos ganharam continuidade, mas passaram a trilhar novos caminhos.

Em seguida à morte de Tobias Barreto (1889), dá-se conta de que o entendimento da filosofia como epistemologia era incompatível com a ideia positivista de que a filosofia seria uma síntese de ciências particulares. Procurou mesmo desenvolver a temática de uma teoria do conhecimento. Manteve-se, por isto mesmo, equidistante da polêmica travada entre seguidores da Escola do Recife a propósito de "monismo mecanicista" e "monismo teleológico". Contudo, não teve forças para

⁴⁸ ROMERO, Considerações indispensáveis de Sylvio Roméro, p. XXII. In: BARRETO, Tobias. *Obras completas*. Vol 6. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

encaminhar a Escola do Recife nesse novo rumo e acabou enveredando por outros caminhos⁴⁹.

Fausto Cardoso, professor de filosofia, foi assassinado em 1906 e outros militantes das ideias foram perseguidos. Mesmo com o ambiente desfavorável, o pequeno grupo de pensadores preservava a obra e o pensamento de Tobias Barreto para que fosse passado para as novas gerações. Artur Orlando da Silva, jornalista, jurista, ensaísta e aluno da Escola de Recife acredita que o legado de Tobias Barreto foi o de tornar possível uma legítima filosofia brasileira.

A Escola do Recife prosperou com Tobias e com seus seguidores, jovens ardentes de liberdade, propagandista da abolição da escravatura, da proclamação da república, democratas e socialistas, que voltavam aos seus Estados e se alistavam nas justas causas da liberdade, reagindo às múltiplas formas de dominação senhorial⁵⁰.

Nas turmas seguintes à de Tobias Barreto, apareceram vários nomes importantes da literatura e política brasileira. Dando seguimento com um dos alunos de Recife que manteve forte ligação com as raízes alemãs, destacamos José Rodrigues Leite e Oiticica, originário de Oliveira em Minas Gerais, e um dos grandes colaboradores para a vida intelectual e cultural brasileira. O caminho trilhado pelo estudante mineiro de Recife mostra a marca de sua formação em diversos textos no decorrer de sua vida, seja citando autores alemães ou demonstrando sua preocupação com a filosofia, literatura e estilo. Assim como Barreto, é considerado pelos seus pares um homem notável para a época. Fez parte dos formandos de Direito em Recife no ano de 1902 e foi nomeado catedrático de português no Colégio Pedro II em 1916, local em que se instalara um de nossos autores estudados com a apropriação de Nietzsche. Entre 1929-30, Oiticica amplia seus estudos e vai lecionar português e literatura na Alemanha, na Universidade de Hamburgo, voltando ao Brasil para retomar seu cargo no Rio de Janeiro. Assim como seu mestre sergipano,

⁴⁹ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 64.

⁵⁰ BARRETO, Luiz Antonio. Tobias Barreto: uma bibliografia. In: BARRETO, Tobias. *Crítica de literatura e arte*. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 13.

ele também lia os textos originais, traduzindo de modo excelente alguns escritos selecionados para trabalhar com os alunos. Entre os principais idiomas que professor mineiro dominava, estavam o latim, grego clássico, francês, inglês, alemão, espanhol, italiano, russo e esperanto. Além do estudo em direito, história e medicina, Oiticica também era um brilhante poeta, foi um jornalista e escritor que escrevia sobre vários temas, tais como: filosofia, anarquismo, ciências, religião, artes plásticas, música, teatro, matemática, física, química, psicologia, sociologia, economia, entre outros.

Considerado "príncipe dos poetas mineiros", Oiticica contestou o título no *Correio da Manhã* de 14-5-1927. Mas como poeta foi realmente um dos maiores da língua portuguesa. "Músico tão profundo quanto poeta", foi assim que o classificou o escritor Cândido Jucá Filho. José Oiticica foi um extraordinário contista, dramaturgo, dos maiores linguistas, fonetistas, filólogos do Brasil⁵¹.

No entender dos especialistas, a presença do pensamento nietzschiano se faz sentir em sua obra de maturidade *Fonte Perene*. A obra é considerada de maturidade porque o pensamento poético, filosófico, político e religioso já estava consolidado nessa época. Encontramos no autor mineiro uma apropriação anarquista dos escritos, principalmente da obra *Assim falava Zaratustra*. Há a tentativa da formulação de uma visão política em que o além-do-homem seria tomado como modelo de indivíduo libertário. Além dos famosos artigos que circulavam nos jornais da época e nos livros *A doutrina anarquista ao alcance de todos* e *Ação direta*, Oiticica foi um dos articuladores da insurreição anarquista em 1918, movimento inspirado na Revolução Russa que pretendia derrubar o governo do país. Colaborou com diversos jornais, entre eles, o operário *A Lanterna*, *Spartacus*, lançado em 1919, além da revista *Vida* de 1914. Devido à sua relação com os operários, devido também às suas palestras, Oiticica foi preso, deportado e desterrado. Sendo preso por ser um dos membros principais pela Greve Geral no Rio de Janeiro em 1918 e deportado para Alagoas⁵². *A doutrina anarquista ao alcance de todos* é

⁵¹ RODRIGUES, Edgar. José Oiticica: Sua vida, sua obra, suas idéias. In: Oiticica, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. São Paulo: Econômica Ed, 1983. P. 2

⁵² Cf. RODRIGUES, Edgar. José Oiticica: Sua vida, sua obra, suas idéias. In: Oiticica, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. São Paulo: Econômica Ed, 1983. P. 5

produzida após Oiticica ser preso em sala de aula no Colégio Pedro II e ser confinado na Ilha Rasa por 7 meses. Em 1925 é transferido para a Ilha das Flores e depois para a Ilha de Bom Jesus. Em 1937 é preso novamente porque Getúlio Vargas acreditava que ele poderia estimular um movimento contra a ditadura.

Os movimentos sociais urbanos no fim do século XIX aparecem com o crescimento das cidades e, conseqüentemente, com o aumento de indústrias e da classe trabalhadora. A organização dos trabalhadores era algo que vinha aparecendo desde a Primeira República; em 1906 os anarquistas tentaram sem sucesso unificar a classe operária em nível nacional com a criação da Confederação Operária Brasileira. O movimento era disperso e não chamava a atenção das elites, e, mesmo quando conseguiam algum direito com os patrões, esses direitos não eram assegurados por lei e logo se perdiam. O quadro só foi mudado com o ciclo de greves em grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, entre 1917 e 1920. No cerne dessas mudanças estavam as conseqüências trazidas pela Primeira Guerra Mundial e a Revolução de Outubro na Rússia Czarista, em que Oiticica se inspira para a Insurreição Anarquista no Brasil. O ano em que ocorre a manifestação no Brasil é marcado por ser o período com alta taxa de sindicalização e a criação da União dos Operários em Fábricas de Tecidos do Rio de Janeiro, com 19 mil filiados⁵³.

Assim como Tobias Barreto, o escritor, jornalista, político e diplomata sergipano Gilberto Amado fez parte da Academia Brasileira de Letras, sendo eleito em 1963. Mas ficou famoso pelos livros autobiográficos, lançando obras falando de sua infância, de sua formação, de sua primeira viagem para a Europa, de seu caminho na política, além das inúmeras publicações com poesias. As obras servem para o entendimento dos moldes que formaram as reflexões do autor. Começou a estudar em Recife em 1905 como diz na publicação *Minha formação no Recife*, e desconhecia Tobias Barreto, que só mais tarde foi saber de sua importância. Chama-nos atenção que mesmo sem o conhecimento e contato com os outros dois autores trazidos neste trabalho, a presença de Nietzsche era forte entre os alunos. O filósofo alemão tinha seu

⁵³ Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. pp. 254-260.

espaço estabelecido no nordeste brasileiro, seus livros faziam parte da biblioteca da Faculdade de Direito de Pernambuco, e, segundo a produção memorialística do sergipano, não foi necessário que um entusiasta apresentasse o filósofo, ele já fazia parte da faculdade com base nos estudos alemães.

Como vimos, a Escola de Recife é o ponto inicial da recepção de Nietzsche; nela está o trecho com citação explícita mais antiga e é berço de uma formação como foco em estudos alemães no Brasil, além de ser ponto de partida dos intelectuais que trataremos durante este trabalho. Os dados e informações que permeavam a instituição na época permitem dizer se tivemos uma apropriação brasileira nesse momento. A Escola de Recife tinha uma raiz alemã e defendia essa base como a melhor forma para o conhecimento; através dela buscavam a construção de uma identidade cultural. Entre os alunos de Recife encontramos várias citações sobre o filósofo alemão, mas procuramos saber se Nietzsche teve um impacto significativo na Escola de Recife e se os estudos baseados na cultura alemã atingiram seus objetivos. Nessa época ainda não existiam estudos monográficos como se tem hoje. Por isso a dificuldade de dizer se ali existia uma filosofia genuína. A leitura de Nietzsche na faculdade pernambucana pode ter mudado o caminho de alguns estudantes.

CAPÍTULO 2 - TOBIAS BARRETO: ALLEMANISMO

Talvez Tobias Barreto jamais tenha tido conhecimento das obras de Nietzsche, talvez seu contato tenha acontecido através de uma biografia ou artigos de jornais, resenhas publicadas no exterior ou até mesmo dos livros franceses que chegaram ao Brasil. É nossa hipótese que ele leu a *Primeira consideração extemporânea*. Tudo leva a crer que no texto de Barreto aparece a referência explícita a Nietzsche mais antiga no Brasil. Com base nos traços remanescentes da leitura inicial de um membro da Faculdade de Direito de Pernambuco é elaborada a caracterização dessa relação. A referência a Nietzsche está em um artigo publicado em 1876 e nos permite indagar o modo como se deu a apropriação do filósofo. Ao examinar a citação em que o filósofo alemão é citado e o trecho da obra referida, é possível projetar que a utilização de Nietzsche naquele momento pode estar para além da pequena passagem em que seu nome é mencionado⁵⁴.

Realizando o entrecruzamento da história e da filosofia no estudo da recepção⁵⁵, nota-se que a parte da filosofia nietzschiana desprezada pelo fundador da Escola de Recife pode ter sido tomada em defesa dos interesses da instituição, pois poderia acabar com o projeto tedesco de Tobias Barreto e Sílvio Romero. Além disso, pode-se perceber que a leitura e as menções sobre outros autores, como Schopenhauer por exemplo, nas obras do professor sergipano, aparecem somente após o registro que se tem da leitura da *Primeira consideração extemporânea*, que pode indicar e fortalecer ainda mais o papel que Nietzsche teria nos bastidores da faculdade nordestina.

O registro mais antigo da obra de Nietzsche no Brasil está na publicação da revista *Estudos Alemães* de Tobias Barreto. O professor

⁵⁴ Cf. BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro: Record, 1991. pp. 145-153.

⁵⁵ O uso dos termos “entrecruzamento da história da filosofia” tem como base a concepção de recepção dada por Scarlett Marton: “Um trabalho de recepção implica, sem dúvida, o entrecruzamento de várias linhas de pesquisa: da história factual, passando pela cultural, até a institucional; da história das mentalidades, passando pelas transferências das redes de poder.” In: MARTON, Scarlett. *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009. p. 17.

sergipano publicou vários trabalhos sobre escritores da Alemanha nos jornais dos quais fez parte, sendo inclusive editor e redator de um jornal em alemão que circulava no norte do Brasil em 1875, o *Campeão Alemão*⁵⁶. Fora os jornais dos quais fazia parte ou participava com alguns artigos, era através de sua revista que ele ampliava os contatos intelectuais com figuras brasileiras e alemãs⁵⁷. As relações internacionais foram muito importantes para manter a proximidade com diversos textos europeus. O folclore popular diz que o germanista brasileiro enviava cópias de seu jornal produzido em Pernambuco e recebia alguns textos europeus que circulavam na época, sendo essa provavelmente uma das maneiras pelas quais conseguiu o texto de Nietzsche.

Assim Guizot achou quem dissesse que ele não sabia escrever bem o francês. Strauss, o sábio, o venerado Strauss, encontrou também o Sr. Nietzsche da Basileia que quis provar-lhe a sua ignorância da língua alemã!⁵⁸.

O artigo publicado em *Estudos alemães* é direcionado ao Sr. Rodrigues e foi impresso na *Província do Recife* em 1876, em resposta às críticas da revista *Novo Mundo* ao livro *Ensaios e Estudos de Filosofia e Crítica* de Tobias Barreto. Vale lembrar que o texto nietzschiano a que Barreto se refere é a *Primeira consideração extemporânea*, escrito em 1873. Ou seja, o fundador do movimento intelectual de Recife já tinha conhecimento desse texto, publicado na Alemanha há apenas três anos, mostrando a proximidade e o avanço do grupo de estudos germânicos de Recife. Paim também observa essa proximidade excepcional que Tobias Barreto tinha com os círculos intelectuais da Alemanha, além de ler os textos na língua original e não precisar de traduções francesas que eram base de muitas faculdades da

⁵⁶ Cf. ABRÃO, Bernadette Siqueira (org.), *História da filosofia*: Col. "Os Pensadores", São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. p. 466.

⁵⁷ Cf. BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro, Record, 1991. p. 223. O capítulo de correspondências traz nomes como Carvalho Lima Júnior, Sílvio Romero, Arthur Rolando, Paulo Apfelsdtedt, Richard Lesser, Henry Lange, Fritz Muller, entre outros.

⁵⁸ BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro, Record, 1991. p. 152.

época, inclusive das instituições do Rio de Janeiro que competiam com a faculdade nordestina.

Deve-se destacar que Tobias Barreto estava bem relacionado com os círculos intelectuais da Alemanha e acompanhava com regularidade e sem grande atraso as publicações que ali se faziam. Basta mencionar que, por volta de 1885, cita num de seus escritos a edição alemã de 1883, de *O Capital*, de Carlos Marx. Conheciam-no e fizeram referências elogiosas à sua obra, entre outros, Ernesto Haeckel e Alberto Lange. Sílvio Romero faz notar que, em 1874, quando Tobias Barreto iniciou um artigo sobre a obra de Eduardo von Hartmann, não havia tradução francesa da Filosofia do Inconsciente, nem da obra de Schopenhauer, mencionada no texto com o intuito de ressaltar o conhecimento adquirido por Tobias da língua e do movimento intelectual alemão do período mencionado⁵⁹.

No texto em que o Sr. Nietzsche⁶⁰ é apresentado, Barreto está respondendo à crítica de um redator que o acusa de não patriotismo e ataque a Deus, entre outras coisas. Há inúmeras posições contrárias ao estilo e ao conteúdo das obras do professor recifense no artigo, que são refutadas uma a uma pelo mesmo. Publicado na revista *Estudos alemães*, o pensador sergipano aponta o contrassenso do redator que faz acusações e apontamentos ao seu trabalho sem ao menos ter lido nada daquilo que criticou, pois as críticas não possuiriam fundamento e nem sentido histórico, as informações seriam jogadas aleatoriamente e teriam como público-alvo pessoas que nunca ouviram falar em nenhuma das obras ou dos nomes ali citados. Dentre as críticas feitas pelo redator, há a acusação de Tobias Barreto ter chamado o escritor Alexandre Herculano⁶¹ de ignorante. Na verdade, Barreto diz ter feito apenas um

⁵⁹ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 43.

⁶⁰ Tobias Barreto se refere ao filósofo alemão como o “Sr. Nietzsche da Basiléia”, o que mostra a percepção de tê-lo como um de seus contemporâneos, referindo-se a ele como “senhor”, do mesmo modo que utiliza para fazer menção a outros professores e amigos, como o Sr. José Otílica ou Sr. Rodrigues, por exemplo. Kant, Spinoza ou Schopenhauer não são citados como Sr. Kant, Sr. Spinoza ou Sr. Schopenhauer. A maneira como ele se refere a Nietzsche chamando-o de senhor é muito interessante porque é um hábito francês para se dirigir aos que estão vivos. Nos tempos atuais ainda se referem aos filósofos como senhores na França. Esse é um hábito que percebemos no século XIX no Brasil, mas que depois desapareceu.

⁶¹ Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), escritor, historiador, jornalista e poeta português da era do Romantismo.

comentário sobre o estilo dele, posições de caráter gramatical, de pureza de linguagem. Nesse momento, o professor da Escola de Recife menciona alguns nomes que também sofreram críticas ao seu modo de escrever e cita Strauss e o Sr. Nietzsche, que quis provar a ignorância do primeiro na língua alemã. Tobias Barreto toma uma posição parecida com a de Nietzsche, já que na *Primeira consideração extemporânea* o filósofo alemão aponta a falta de preparo filosófico e a argumentação problemática cheia de falhas de Strauss, o mesmo que Barreto faz em resposta ao redator no artigo publicado em sua revista. Vemos que o primeiro contato do germanista brasileiro se dá em um terreno estilístico em que é analisada e comentada a forma de escrita e o domínio da língua alemã.

A temática do estilo é usada por Tobias Barreto para refutar as afirmações do Sr. Rodrigues, no texto em que se encontra a citação mais antiga, já que o pensador sergipano mostra através da leitura de Nietzsche que o filósofo alemão corrobora a crítica dele ao estilo. Em vista disso, considera-se que Barreto o tratava como linguista, uma vez que só faz alusão à crítica de Nietzsche ao estilo e não ao estudo mais amplo das *Considerações extemporâneas*. Por que Nietzsche é visto como um arauto do rigor linguístico e não como um filósofo? Independente do contexto em que o nome do filósofo é mencionado, um fato muito interessante é que em 1876 já se tinha o conhecimento de Nietzsche e também que seu escrito tenha sido usado como base de crítica literária. Em alguns países europeus, sua descoberta se dá anos depois. Na França, por exemplo, ele passa a ser conhecido após 1880, através dos círculos wagnerianos e tem sua característica literária ignorada.

Na França, é em meio a um wagnerianismo fervoroso que se dá a descoberta do pensamento de Nietzsche. Embora o mundo literário parisiense continue a ignorar suas ideias, ele passa a ser conhecido nos círculos wagnerianos durante as décadas de 1880 e 1890⁶².

⁶² MARTON, Scarlett. *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009. p. 21.

Outro dado importante é que o conhecimento de Nietzsche antecede a publicação de *Assim falava Zaratustra*, asseverando ainda mais o nível de relação que Barreto tinha com o pensamento alemão. Essa obra nietzschiana é produzida em 1883-1885, quase dez anos depois da citação no Brasil. Isso deve ser destacado, porque a obra citada acima é uma das responsáveis por difundir os textos nietzschianos fora da Europa. A leitura brasileira aponta não só o contato com o material de Nietzsche antes dos estudos rigorosos feitos por Colli e Montinari⁶³, mas também para uma leitura quase simultânea com as primeiras que ocorreram na Europa. Vemos no Brasil um contato que se dá ao mesmo tempo em que acontecem as primeiras apropriações alemãs, já que o filósofo de Sils Maria passa a ser pesquisado de forma intensa somente depois de seu colapso de 1890.

Ele não é facilmente acessível ao público que não domina a língua alemã. Em 1894, Henri Albert engaja-se no projeto de publicar suas obras completas e traduz para o francês a maioria dos livros do filósofo. Sem o seu trabalho, a primeira geração de nietzschianos franceses, de que fizeram parte Gide e Valéry, só teria acesso a trechos e passagens, que jornais e revistas apresentavam e traduziam de modo pouco confiável⁶⁴.

A partir desse momento em que Nietzsche é mencionado, pode-se levantar a hipótese de que o conhecimento do filósofo alemão não se restringe a Tobias Barreto; percebemos que o conhecimento dele não foi algo isolado, restrito somente à leitura de Barreto, já que teve repercussão com os alunos do professor e com os estudantes vindouros. Nota-se o modo como os eles se relacionam com os textos de Nietzsche no depoimento de Gilberto Amado, que estudou na turma de 1905. No trecho citado, o filósofo alemão é tido como ponto de passagem para Goethe, um guia que encaminha os estudantes a um

⁶³ Giorgio Colli e Mazzino Montinari são os responsáveis pela edição crítica das obras de Nietzsche, que se tornou o padrão acadêmico para estudo e pesquisa. Colli e Montinari revisaram e compilaram as obras e cartas do filósofo de Sils Maria, assim como desfizeram as manipulações utilizadas em alguns textos, como o do livro *Vontade de Potência* que nunca existiu, tendo sido apenas forjado pela irmã de Nietzsche.

⁶⁴ MARTON, Scarlett. *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009. p. 22.

novo autor, conduzindo os estudantes para a literatura alemã, corroborando a ideia de um Nietzsche de Tobias Barreto, que remete à literatura presente nos alunos dele.

Em Pernambuco líamos tudo. Prosseguíamos na reta do darwinismo e do haeckelismo seguindo os autores franceses, ingleses, italianos que entravam em circulação, mas sem tomar a peito o transformismo, sem formar batalhão. Nietzsche nos levava a Goethe⁶⁵.

Tanto Gilberto Amado como José Oiticica escrevem que em Pernambuco eles faziam um caminho contrário na linha cronológica dos autores. Nietzsche os levava a Goethe e Goethe os levava a Schopenhauer. Em Tobias Barreto não há registro que explique como ele chegou a determinados autores, como Nietzsche e Schopenhauer, por exemplo. No levantamento feito pela própria Faculdade de Pernambuco, que conservou a biblioteca de Tobias Barreto, não encontramos os livros dos autores que ele cita. Contudo, tomando-se como base o caminho intelectual às avessas que os alunos de Recife faziam e aplicando-o ao mestre Barreto, pode-se notar algo muito interessante, pois a citação que traz o nome do autor de *Assim falava Zaratustra* aparece em 1876, e as inúmeras citações sobre Schopenhauer só aparecem depois dessa data. É importante salientar que tanto Schopenhauer quanto Goethe são citados na *Primeira consideração extemporânea*. Nesse sentido, levando em conta as datas dos documentos e a coleção completa da obra de Tobias Barreto organizada pelo Governo de Pernambuco, pode-se dizer que a curiosidade e os textos de Schopenhauer e Goethe podem ter aparecido na Escola de Recife depois da leitura que fizeram do escrito nietzschiano.

⁶⁵ MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)*, v. 5 – São Paulo: T. A. Queiroz, 1996. p. 250.

Na *Primeira consideração extemporânea*⁶⁶, Nietzsche ataca David Strauss por considerá-lo a negação do espírito alemão que foi trazido por Schopenhauer e Wagner. A crítica é voltada aos eruditos, à falta de estilo e à necessidade de uma autêntica cultura (*Kultur*) alemã. Nietzsche acusa seus compatriotas de confundirem a superioridade militar com a cultural. Para o filósofo de Sils Maria, o otimismo de Strauss também confunde desviando o olhar da existência e evitando o problema da dor e do sofrimento. Em meio à crítica, Nietzsche aponta que a linguagem e a escrita se prestam para representar o mundo e não para alcançar sua essência. A *Primeira consideração extemporânea* não traz somente críticas relacionadas ao estilo, mas também à cultura, pois ambos estão intimamente ligados. Na visão nietzschiana, a cultura seria a unidade de estilo artístico de um povo. “O sucesso literário da obra de David Strauss junto ao público dito ‘cultivado’ é percebido como sintoma duma perigosa autoinsatisfação do homem moderno frente a uma cultura que não é ainda uma⁶⁷”. Por isso, Strauss seria a expressão máxima do filisteísmo. Constituíram-se os filisteus da cultura, na avaliação de Nietzsche, ao acreditarem que a sua formação é a expressão da verdadeira cultura alemã. A erudição enciclopédica e o amontoado de saberes não são cultura. Os filisteus são o contrário do artista, o avesso do que era o predileto das musas. Eles estão convictos de que sua cultura é a expressão plena e autêntica da civilização alemã, distorcendo as coisas, entendendo por civilização a sua negação. Nesse sentido, Strauss é o típico filisteu, pois está satisfeito com a erudição alemã. Nietzsche é explícito em sua perspectiva sobre Strauss, apontando seu livro como absurdo e medíocre. Descreve

⁶⁶ Segundo Denat, os trabalhos conhecidos como extemporâneos foram tecidos para pôr um fim no mal-entendido que apareceu na primeira obra de Nietzsche, que a princípio foi tomado somente como um elogio a Wagner ou como um exercício filológico. As *Considerações extemporâneas* buscam questionar a cultura, e o termo “extemporâneo” é utilizado porque Nietzsche acredita que é preciso tomar certa distância para analisar seu tempo, se desprender de sua cultura, estar fora da submissão dos valores de sua época. Entretanto, o foco das extemporâneas não visam mais o questionamento cultural e histórico como foi visto em o *Nascimento da tragédia*, em que a cultura grega era utilizada para interrogar a cultura moderna. Concordamos com Denat que nas *Considerações extemporâneas* as questões se concentram no momento da cultura em que Nietzsche está vivendo.

⁶⁷ DENAT, Céline. A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das *Considerações extemporâneas*. In: *Cadernos Nietzsche*, 26, São Paulo, 2010. p. 93.

Strauss como um verme destruidor, já que a religião trazida por ele não passa de um paraíso para roedores⁶⁸.

O autor da *Primeira consideração extemporânea* escreve sobre a falta de caráter, sabedoria e maturidade intelectual de Strauss. Há o questionamento sobre a qualidade de sua obra como escritor; para Nietzsche ele não passa de um hipnotizador que astutamente seduz os leitores. Em vários momentos ele veste a máscara do gênio. Nietzsche aponta erros, utiliza citações do livro *A antiga e a nova fé* para comprovar sua deficiência e violência contra a escrita alemã, mostrando a dificuldade no entendimento das formulações mal escritas. Nietzsche escreve que o alemão de Strauss é confuso e ilógico. Ele termina a consideração utilizando a obra de Strauss para mostrar inúmeros exemplos do problema da língua alemã. A crítica à linguagem é o que vemos na citação de Tobias Barreto, que parece ser a única coisa que ele acata de todo o texto nietzschiano e utiliza para se defender; entretanto, ignora todo o problema da cultura e as críticas que Nietzsche fazia aos alemães.

Creio que terão compreendido bem em que medida estimo o escritor Strauss: eu o considero um ator que faz o papel do gênio ingênuo e clássico. [...] Eu queria que o escritor Strauss fosse mais sincero, assim escreveria melhor e seria menos famoso. E – se em qualquer caso quer ser um ator – então preferiria que fosse um bom ator e imitasse melhor o gênio ingênuo e o clássico, escrevendo como um clássico e como um gênio. Quer dizer que Strauss é um mau ator e um escritor infame⁶⁹.

O tema principal do escrito nietzschiano de 1874 é a pseudocultura alemã que, convencida da originalidade de suas instituições pedagógicas e universitárias, recomenda ao estrangeiro, sem a menor sombra de dúvida, que é graças a ela que o povo alemão se tornou o mais culto e instruído, como se fosse um compêndio da arte, literatura e filosofia. Nietzsche relata que é muito

⁶⁸ Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Obras completas: Volumen I Escritos de juventud*. Madrid: Tecnos, 2011. p. 661.

⁶⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Obras completas: Volumen I Escritos de juventud*. Madrid: Tecnos, 2011. p. 681.

difícil ser um bom escritor na Alemanha, pois falta terreno natural e há a carência de uma unidade de estilo. O erro da opinião pública e dos formadores de opinião é acreditar que a cultura alemã também teria sua parte na vitória da guerra contra a França. O filósofo que escreveu as *Considerações extemporâneas* esperava que a parte mais culta e pensadora, a parte mais instruída dos alemães, percebesse o abuso do sucesso. A ideia de civilização foi perdida na Alemanha; civilização deve ser entendida como a unidade do estilo artístico através das manifestações da vida de um povo. Desse modo, Nietzsche se questiona como um alemão tão instruído como Strauss não percebeu seu estado de cultura, acumulando em torno de si todos os estilos e seguindo indiferente com a civilização.

Um dos momentos polêmicos e que nos chama atenção na *Primeira consideração extemporânea* é a afirmação de Nietzsche que, independente do valor da cultura, os franceses possuem uma civilização autêntica, ao contrário da Alemanha, onde não existe uma civilização original. Essa afirmação é polêmica porque, além de ser algo muito controverso na época em que foi escrito, vai no caminho contrário do que Tobias Barreto e Silvio Romero acreditavam quando colocavam a Alemanha como exemplo a ser seguido. Supondo que Barreto tenha tido contato direto com o escrito de Nietzsche, talvez ele não tenha se afeiçoado tanto a Nietzsche na *Primeira consideração extemporânea*, porque ele critica a cultura alemã que o sergipano idolatrava, dizendo ainda que ela é tributária da cultura francesa; o texto de Nietzsche também vai contra a ideia de Romero, de que a Alemanha forneceria a configuração ideal para a salvação do povo brasileiro. Além disso, o escrito alemão desarticulava todo o plano que se tinha na escola nordestina, principalmente se for colocado diante da disputa entre as escolas no Brasil; o impacto da *Primeira consideração extemporânea* poderia ser fatal para o projeto de Barreto se estivesse nas mãos dos organizadores das instituições brasileiras inspiradas na cultura francesa. Nietzsche escreveu que a vitória na guerra Franco Prussiana não dependeu da cultura alemã, mas apenas da falta de unidade e disciplina militar das tropas francesas. Interessante notar que, ao mesmo tempo em que os sergipanos procuravam se distanciar da cultura europeia e criar sua unidade, falhavam ao se filiar a uma cultura considerada

decadente por Nietzsche. Por isso Tobias Barreto pode ter ignorado a parte filosófica do texto nietzschiano que discute sobre a cultura. No caso de ter lido o texto, a posição do sergipano era oposta à do filósofo alemão, como se pode ver nas citações de Romero; eles aliavam-se aos alemães e criticavam os franceses. O texto de Nietzsche seria um golpe contra a luta da “escola teuto-sergipana” que disputava seu lugar entre as instituições francesas e portuguesas do Império.

Fora o escrito em que se encontra uma referência explícita de Nietzsche, há um texto de Tobias Barreto em que suspeitamos de algo referente ao filósofo alemão. Em um escrito de maio de 1874, há uma citação que pode indicar uma leitura indireta de Nietzsche feita pelo germanista. O trecho usado como uma possível citação indireta a Nietzsche também está ligada a Strauss. Pode-se perceber que tal citação possui termos comuns aos leitores de Nietzsche, ao mesmo tempo em que sofre de uma origem problemática e ainda desconhecida. O documento em questão se encontra no compilado das *Obras completas de Tobias Barreto*, no volume nomeado *Estudos Alemães*. Mesmo que não se possa comprovar uma relação direta com o pensador de *Assim falava Zaratustra* em 1874, o trecho e todo o restante do texto são importantes para perceber se houve ou não uma mudança na relação de Barreto com Strauss, ou seja, se entre 1874-76 o teólogo e exegeta alemão continuou sendo visto com os mesmos olhos ou a *Primeira consideração extemporânea* mudou alguma coisa na concepção do pensador sergipano.

O texto *Sobre David Strauss, um fragmento biográfico*, traz resumidamente o percurso de Strauss como célebre teólogo e escritor alemão, comparado a outros sábios como Hegel, Schelling, Auerbach, Menzel e Wischer. A pequena biografia produzida pelo professor de Recife relata informações como a formação de Strauss e sua publicação da obra *Vida de Jesus*. Além das diversas informações biográficas, Barreto escreve sobre o risco que a religião corria diante de tal homem e as dificuldades que Strauss encontrava diante do sacerdócio. Fica clara a profunda admiração que o biógrafo nutre por Strauss em 1874, e isso fica ainda mais explícito ao afirmar que um dia seu nome será a assinatura do século XIX.

Strauss é para mim o tipo mais acabado daquele esforço e heroísmo intelectual, que não admite equívocos nem circunspecções interessadas, e que, por isso, tão preciso se faz ao nosso século, encarregado pela Providência de apagar os últimos vestígios da idade média. De feito, se entre os vastos espíritos do tempo, dificilmente pode-se encontrar um talento superior, não é nos difícil achar uma igual coragem. É certo, que antes dele, tinha Feuerbach dado exemplo de soberana ousadia, no modo de resolver as mais terríveis questões que possam agarrar-se ao cérebro humano⁷⁰.

Barreto acredita na distinção psicológica entre o sul e o norte da Alemanha; Strauss teria as características do sul alemão: “Há no interior psíquico do sul, mais singeleza, mais sentimento, mais abandono e serenidade, do que se faz aperceber nos homens do norte”⁷¹. Embora essa informação possa ter pouca relevância, talvez seja importante para perceber a aplicação que Tobias Barreto poderia ter tido com o filósofo da *Primeira consideração extemporânea* em relação a escritores do norte da Alemanha, pois Nietzsche não fazia parte do conjunto de figuras célebres do sul como Kant e Hegel. Barreto claramente mostra que existe uma preferência pelos filósofos do sul, deixando transparecer que talvez não tivesse tanto apego na leitura de escritores do norte alemão.

Há um momento de ruptura na biografia sobre Strauss, em que Barreto traz Feuerbach; é nesse ponto que encontramos o vestígio do que pode ser uma leitura indireta. Ao falar dos méritos de Feuerbach, como um dos mais livres pensadores do século XIX, Barreto o traz como o responsável pela abertura do caminho para Strauss lançar sua obra. Nesse momento, o biógrafo brasileiro escreve sobre o entusiasmo provocado pelos escritos de Feuerbach e traz o termo dionisíaco, palavra muito conhecida do vocabulário nietzschiano.

Bem sabemos quão grande entusiasmo provocaram os escritos do celebre filósofo, quando apareceram pela primeira vez.

⁷⁰ BARRETO, Tobias. *Obras completas vol. 8*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926. p. 487.

⁷¹ BARRETO, Tobias. *Obras completas vol. 8*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926. p. 486.

Houve uma espécie de embriaguez dionisíaca, segundo exprime-se Jung, por ver-se de novo unidas, como outrora entre os helenos, a poesia e a filosofia no mais estreito abraço de intimidade fraterna⁷².

A embriaguez dionisíaca trazida na citação nos leva à obra *Nascimento da tragédia*, em que Nietzsche explora a tragédia através de duas forças artísticas distintas, a apolínea e a dionisíaca. O trágico seria resultante da relação desses dois princípios artísticos. A embriaguez é uma das características de Dioniso; Nietzsche escreve que os festivais dionisíacos eram marcados pela música, dança, êxtase e sensualidade. O deus da embriaguez não limita os instintos e paixões, mas os liberta, deixando-os falar por si mesmos. Nesse sentido, o texto de Feuerbach teria tido um aspecto libertador para Strauss: ele libertou o teólogo de seus grilhões para que pudesse compor sua obra. Certamente, Tobias Barreto faz um elogio a Strauss nessa referência e inclusive usa os termos conhecidos pelos leitores de Nietzsche para mostrar a grandeza do autor. Se considerarmos que Tobias Barreto dominava esses conceitos a ponto de se valer deles para elogiar Strauss, por que ele não os utilizou quando falou diretamente a Nietzsche ou na *Primeira consideração extemporânea*? Barreto parece concordar somente com a crítica de Nietzsche sobre a língua alemã para não expor Strauss como filisteu da cultura, corroborando a ideia de uma leitura de apropriação que faz do filósofo alemão mais um literato do que um filósofo. Mais uma vez, parece-nos que essa apropriação parcial do texto de Nietzsche está em defesa dos interesses da instituição pernambucana⁷³.

⁷² BARRETO, Tobias. *Obras completas vol. 8*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926. p. 488.

⁷³ Na citação de Tobias Barreto, após o autor citar a “embriaguez dionisíaca”, ele traz sua relação com Jung e é nesse ponto que temos também um enigma no texto. Todos conhecemos o famoso pupilo de Freud, Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica. De fato, o famoso Jung leu Nietzsche, as obras do filósofo de Sils Maria foram responsáveis pelo desenvolvimento da psicologia junguiana (Cf. BISHOP, Paul. *The Dyonysian Self: C. G. Jung's reception of Friedrich Nietzsche*. New York: de Gruyter, 1995. p. 1.), mas isso pode ser observado somente a partir de 1911-12, no trabalho sobre a libido. Nele Jung passa a utilizar o fenômeno do dionisíaco em suas discussões sobre a sexualidade. Para Carl Jung, o problema do Dioniso está intimamente ligado à questão da morte de Deus, e ele tenta encontrar uma solução psicológica para a crise contemporânea da religião. A solução seria a construção de um Dioniso que, através da dialética do consciente e o inconsciente, permitiria o Ego morrer e renascer de novo (Cf. BISHOP, Paul. *The Dyonysian Self: C. G. Jung's reception of Friedrich*

Nesse sentido, a questão que se põe é: por que o fundador da Escola do Recife não levou em conta as ideias de Nietzsche? As relações de estilo são colocadas em primeiro plano, mas não as ideias expressas na *Primeira consideração extemporânea*, em que estilo e cultura estão intimamente ligados. O estilo é muito importante para o filósofo, é a maneira pela qual ele dá vivência à escrita, sua escrita torna pensamento e vida indissolúveis. Todavia, é nele que Barreto centra sua abordagem do pensador alemão. Para Nietzsche, a cultura é algo essencial e isto está claro no texto citado pelo professor sergipano. O problema da cultura e da formação do homem persegue Nietzsche desde o *Nascimento da tragédia*, a superioridade da cultura grega deu aos helenos a superação do pavor da existência, através da tragédia ática em que Apolo e Dionísio selam uma união. O estranho é que Tobias Barreto não faz qualquer alusão a esses conteúdos, mostrando em sua abordagem uma apropriação interessada ao invés de um estudo conceitual.

Retomando o sentido do dionisíaco para Nietzsche, ele não é só um artista que projeta sua arte, mas se torna a arte mesma, não separando sua arte de si e de seus impulsos. “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial”⁷⁴. Toda essa relação entre Nietzsche e sua obra, *Nascimento da tragédia*, faz total sentido com a citação da biografia escrita por Tobias Barreto. Nela encontramos a embriaguez, o dionisíaco, a união entre os gregos e a arte, e a poesia e a filosofia entrelaçadas em uma intimidade fraterna. Em o *Nascimento da tragédia*, Nietzsche acreditava que os gregos ofereciam o melhor modelo de homem, um modelo de cultura superior. O pensador alemão queria utilizar a Grécia para repensar a modernidade. Afinal, por que os gregos,

Nietzsche. New York: de Gruyter, 1995. p. 17.). Entretanto, a citação em que encontramos a embriaguez dionisíaca é interessante por alguns motivos. Primeiramente, C. G. Jung, o intelectual que fundou a escola de psicologia e formou centenas de terapeutas, cita o dionisíaco nietzschiano somente a partir de 1911 e nossa citação parte de 1874, ano de nascimento de Jung. Tobias Barreto falece em 1889, quando Jung teria somente quinze anos. Portanto, podemos descartar que isso seja um erro da gráfica na data de publicação das obras completas de Barreto e, obviamente, não é o mesmo Jung famoso no campo da psicologia. Nesse sentido, temos um Jung ligado a Tobias Barreto que provavelmente tenha lido Nietzsche antes dele, ou até mesmo seja o responsável por entregar os textos do filósofo alemão para Barreto.

⁷⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 28.

os mais belos tipos da humanidade, necessitaram da arte? Através dela, encararam a terrível verdade sobre a existência. A arte é uma resposta ao problema da dor, do sofrimento e da morte; os gregos usaram a epopeia para superar aquilo que mais temiam. Pela arte fugiam do terror da morte e mantinham-se vivos na memória dos homens.

Outro ponto que nos chama atenção é um dos capítulos do livro em que Sílvio Romero enaltece e defende o pensamento de Tobias Barreto, dizendo explicitamente que ambos não devem nada a Nietzsche quando concluíram e publicaram que a metafísica estava morta. Na obra *Zéverissimações ineptas da crítica* há inúmeras críticas que ele faz a José Veríssimo, sendo que no capítulo VI Nietzsche é mencionado inúmeras vezes. Essa afirmação sobre a metafísica não pode ser descartada porque, segundo Paim, ela constitui o evento de maior relevância no processo da Escola de Recife.

A afirmativa de Sílvio Romero de que a metafísica estava morta constitui evento da maior relevância no processo de formação da Escola de Recife. Tobias Barreto, desde logo, segundo se indicará mais pormenorizadamente logo adiante, apresenta a questão em forma de pergunta - Deve a metafísica ser considerada morta? - e a responde negativamente. Mas suas razões serão bem diversas daquelas de seus velhos mestres, motivo porque teria oportunidade de dizer que a afirmativa de Sílvio Romero "causara no corpo docente espanto igual ao que teria produzido um tiro de revólver que o moço acadêmico tivesse disparado sobre os doutores"⁷⁵.

Numa parte de sua defesa, Romero afirma que quando sua tese foi escrita, Nietzsche ainda não tinha chegado a Pernambuco e é isso que chama nossa atenção. Romero escreve: "Quando a davam aqui por morta (errado!), já Frederico Nietzsche afrontava (está errado, só mais tarde Nietzsche entrou a filosofar) com as suas ousadias o pensamento geral e as concepções

⁷⁵ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 19.

positivas”⁷⁶. Essa passagem é muito importante porque considera que em um primeiro momento Nietzsche não era tido como um filósofo, talvez apenas um literato, e só depois se pôs a filosofar, além da passagem também asseverar que a tese da morte da metafísica apareceu primeiro em Recife. Isso se manifesta mais vezes no capítulo e de forma agressiva. “E desgraçada estaria a metaphysica para todo sempre, se ella tivesse de esperar por Nietzsche para reflorecer”⁷⁷. E ainda aponta José Veríssimo como um pateta.

Cae na patetice, de appellar para Nietzsche como sendo um fozoso metaphysico, exatamente no tempo em que eu déra, no Recife (1875), por morta a metaphysica, n’essa defesa de theses que me valeu um processo criminal, quando a verdade, atestada por todos os biographos do autor de *La Gaya Scienza*, é que só mais tarde começou ele a occupar-se seriamente da philosophia⁷⁸.

O trecho de Romero nos mostra, além da defesa óbvia de seu pensamento, que ele tinha o conhecimento da obra *A Gaia Ciência* e pode ter tido contato apenas com a versão italiana pela forma como vemos na obra. Esse dado desvia um pouco da visão e defesa dos acadêmicos de Recife que liam as obras no original e defendiam a língua germânica. Também não podemos deixar de notar que ele se baseia nos biógrafos do autor, o que nos leva a questionar se essa leitura não foi somente uma leitura de segunda mão, um comentário de algum italiano que passou a tratar Nietzsche como filósofo somente após “*La Gaya Scienza*”. Além disso, no capítulo seguinte, Romero escreve sobre a defesa de teses e aponta que somente Tobias Barreto mostrou o sentido em que se pode considerar viva a metafísica.

⁷⁶ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909. p. 77.

⁷⁷ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909. p. 79.

⁷⁸ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909. p. 78.

Não precisou esperar por Fred. Nietzsche. Não é só: na *Philosophia no Brasil*, escripta em 1876, um anno após a defesa de theses, e publicada em 1878, já eu entrei em lucta contra o exclusivismo positivista, pugnando pelo naturalismo crítico, ou evolucionismo agnostico do neokantismo⁷⁹.

O problema que encontramos no texto de Romero, que ataca Nietzsche incisivamente, defendendo a todo custo seu mérito de ter dado um fim na metafísica está no tempo em que o texto é escrito. Além do tempo do escrito, também temos outra citação que nos deixa ainda mais desconfiados. Como Romero pode dizer que não precisou esperar por Nietzsche, se o filósofo alemão foi citado pelo seu companheiro Barreto no mesmo ano em que começaram a escrever juntos a obra *Philosophia no Brasil*? Além disso, Romero fala que tudo que fizeram foi escrito antes da chegada de Nietzsche, que a fama do filósofo alemão no Brasil é coisa recente, coisa de doze anos apenas. Isso não faz o menor sentido porque o texto que estamos citando de Romero foi publicado em 1909, ou seja, de acordo com o autor de *Philosophia no Brasil*, Nietzsche ficaria conhecido a partir de 1897, mas ele é citado explicitamente trinta e três anos antes por Barreto em 1876. “O livro foi escrito em 1876, só tendo sido editado dois anos depois pela tipografia Deutsche Zeitung (Porto Alegre), de Carlos von Koseritz, a quem é dedicado”⁸⁰. Outro problema cronológico está na declaração de Gilberto Amado, que escreve em sua obra *Minha formação no Recife* que a biblioteca da Faculdade de Direito de Pernambuco recebeu Nietzsche em 1906.

Tudo isto foi pensado, escripto e publicado bem antes de se começar a falar em Nietzsche no Brasil, onde sua fama é cousa recentíssima de uns dez ou doze annos apenas a esta parte. Nem o nosso zéverissimador da crítica está em condições de dizer cousa que valha acerca do autor de *Cousas Humanas*⁸¹.

⁷⁹ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909. p. 98.

⁸⁰ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p 21.

⁸¹ ROMERO, Sílvio. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909. p. 96.

Cousas Humanas é a forma como o autor traduz a obra *Humano, demasiado humano*, de 1878. No decorrer do capítulo, Romero vai escrever mais sobre Nietzsche e mostrar seu conhecimento: “Nietzsche não se preocupou com o problema universal. Seu interesse foi sempre mais pelo problema humano, pelo destino d’esse parasita da terra, na frase de d’Assier.⁸²”. É notável como o autor é tão seguro de seus estudos, ele ainda citará o super-homem e o niilismo e deixará claro que conhece *Assim falava Zaratustra*.

Como pudemos observar, Tobias Barreto não pode ser considerado um leitor rasteiro, ele é o gênio do Recife, o professor versado em filosofia que está habituado a interpretar e analisar textos para a edição de suas críticas. Além disso, levando em conta que ele leu o texto original nietzschiano antes de citá-lo em 1876, o fundador da Escola do Recife não esteve em contato com um texto fragmentado escrito através de poemas ou aforismos. As *Considerações extemporâneas* são textos que procuram elucidar problemas e são diretos no que buscam tratar. Mas, apesar dessas características, Barreto não faz uma leitura propriamente filosófica, entendida como uma interpretação conceitual ou a utilização de termos de Nietzsche. Nesse sentido, percebe-se que parece ter sido feita somente a utilização da parte que lhe era conveniente do texto nietzschiano. A ausência de levantamento das questões sobre a crítica da cultura alemã nesse texto ou em qualquer outro pode ter sido feita tendo em vista a defesa da Escola do Recife. O texto de Sílvio Romero mostra com muita ênfase a aflição de não ser reconhecido pela sua tese e a ânsia de salientar que Nietzsche não teve importância naquele momento.

Talvez Barreto nunca tenha tido contato direto com a obra de Nietzsche, talvez sua leitura seja de segunda mão e o filósofo alemão não tenha tido grande importância para a vida do intelectual brasileiro. Mas se levarmos em conta o entrecruzamento filosófico e histórico da época, colocando os relatos dos historiadores, membros da Escola de Recife, as

⁸² ROMERO, Sílvio. *Zéverissimas ineptas da crítica: repulsas e desabaços*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909. p. 96.

divergências encontradas nas datas de publicações, a competição entre as instituições de ensino e a importância dada por Romero ao trabalho de Nietzsche em defesa de sua tese, podemos levantar essa hipótese de que Nietzsche pode estar de alguma forma ligado aos interesses da Escola de Recife, já que sua presença na Faculdade de Direito de Pernambuco é indiscutível. Mesmo que o escrito do filósofo alemão não esteja diretamente ligado aos trabalhos de Barreto e Romero, ambos foram importantes para a introdução das obras do autor da *Primeira consideração extemporânea* adentrar a faculdade pernambucana e lá ganhar espaço entre os alunos vindouros. Tanto José Oiticica quanto Gilberto Amado tiveram acesso às obras completas e na língua original.

CAPÍTULO 3 – JOSÉ OITICICA: ESTILO E ANARQUISMO

Há diversas passagens que relacionam Nietzsche à arte literária e ao movimento anarquista nos escritos de José Oiticica. O filósofo alemão foi mencionado diversas vezes nas lições e exemplos no curso de literatura e estilo, escrito e ministrado pelo professor mineiro. Nietzsche aparece sempre como uma referência muito importante e de altíssimo nível sobre os assuntos tratados. O conteúdo apresentado na obra *Curso de literatura* foi organizado postumamente pelo pesquisador Roberto das Neves⁸³ e faz parte do momento em que Oiticica foi catedrático de literatura no colégio Pedro II⁸⁴, a partir de 1916. A obra organizada conta com trinta e quatro lições e alguns textos que foram publicados no jornal *Ação Direta*, um periódico anarquista. Percebemos que o estilo é uma das características mais relevantes para o educador do colégio carioca, pois diversas lições preparadas para as aulas de literatura sempre circulavam em torno da importância do estilo na composição de um trabalho.

De acordo com a obra que citamos, o docente não ilustra apenas o processo da preparação da redação como uma arte de escrever, mas também explicita como se dá a expressão verbal do belo artístico, comparando o processo de escrita com o da composição musical. Característica que realça a afinidade entre o autor brasileiro e o pensador alemão. Para Nietzsche, como vimos no capítulo anterior, o estilo e a arte estão intimamente ligados e podem ser considerados elementos basilares para a escrita. A representação do mundo toma forma dentro do campo estilístico, é a manifestação da vida de um povo. José Oiticica apresenta a importância de dismantelar obras para encontrar o cerne do objeto de estudo. Isso é algo que nos remete ao processo

⁸³ Roberto das Neves é responsável por coligir e revisar os textos do Curso de Literatura de José Oiticica, na edição lançada em 1960 pela Editora Germinal. Nessa edição há um breve texto de Neves explicando a biografia do livro. O curso de literatura começou a ser redigido em 1915, embora Oiticica entre para o Colégio Pedro II somente em 1916.

⁸⁴ Instituição tradicional do Rio de Janeiro, nomeado em homenagem ao imperador do Brasil Dom Pedro II. O colégio ficou famoso por ter em seu plano educacional a formação de uma elite nacional. Entre professores ilustres encontramos Antônio Gonçalves Dias, Euclides da Cunha, Heitor Villa-Lobos, Manuel Bandeira, Sílvio Romero, entre outros.

do martelo nietzschiano apresentado em *Crepúsculo dos ídolos*, obra com que o escritor brasileiro já tinha tido contato. No Prólogo Nietzsche escreve sobre a filosofia a marteladas e a importância de ouvir o que está por trás dos ouvidos, utilizando o martelo para auscultar os ídolos como se fosse um diapásão.

Fazer perguntas com o *martelo* e talvez ouvir, como resposta, aquele célebre som oco que vem de vísceras infladas – que deleite para alguém que tem outros ouvidos por trás dos ouvidos – para mim, velho psicólogo e aliciador, ante o qual o que queria guardar silêncio *tem de manifestar-se...*⁸⁵.

Oiticica utiliza o exercício da desconstrução de textos para o entendimento do processo artístico e estilístico. Exercita o desmonte de obras literárias para localizar sua vulnerabilidade, explorando a arquitetura despida de seus adereços para encontrar o âmago do escritor, aquilo que chamará de “id do autor”. Esse processo utilizado no curso de literatura é algo que traz muito do espírito iconoclasta de Nietzsche, em seu modo de derrubar ídolos a marteladas, em dismantelar ideias para mostrar como se deu seu princípio. Um modo de fragmentar os objetos de estudo e averiguar os segmentos e os sentidos que foram tomando.

De acordo com a análise literária e a divisão dos elementos formadores ou constitutivos do texto, Oiticica mostra como se daria o desmantelamento de um escrito para que se possa encontrar o que está intrínseco no autor, ao que ele dá o nome de gênio, que seria aquilo que distingue um escritor dos demais. Dentre os grandes “gênios” escritores apresentados no *Curso de Literatura*, aparecem “Homero, Virgílio, Horácio, Dante, Camões, Cervantes, Corneille, Racine, Shakespeare, Schiller, Goethe, Milton, Flaubert, Taine, Gautier, Hugo, Anatole France, Bocage, Castilho, Camilo, Eça, Machado e, sobretudo, Nietzsche⁸⁶”. Nessa passagem fica muito clara a importância de Nietzsche, além de vir seguido de vários nomes do

⁸⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 7-8.

⁸⁶ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 55.

panteão da literatura, ele vem destacado com o “sobretudo Nietzsche”, especialmente, mormente Nietzsche. Depois desse destaque dado ao filósofo de Sils Maria no início da obra, seria estranho se o nome de Nietzsche não aparecesse em alguma lição, mas, como é de se esperar, seu nome atravessa o curso completo com citações de obras traduzidas do alemão como exemplo da composição de um belo trabalho. Certamente, o allemanismo não fazia parte apenas da formação dos alunos no Recife, mas também no Colégio Pedro II, pois as lições integravam o corpo teórico da instituição de ensino.

O primeiro momento em que há uma menção a Nietzsche de forma explícita está na segunda lição do *Curso de literatura*; a lição se chama *Condições para aquisição do estilo artístico: aptidão, ambiência, estudo, prática, crítica e autocrítica*. Nesta lição, Oiticica traz Nietzsche na seção em que aponta as condições para adquirir estilo. A primeira condição seria a aptidão para a escrita, depois vem o estatuto da ambiência, em que o filósofo alemão é utilizado para ilustrar essa condição. A aptidão é a inclinação do indivíduo para se tornar um escritor; no curso é lembrado que mesmo que uma pessoa nasça artista, a falta de exercício e técnica pode desfavorecer seu rendimento. Entretanto, se a técnica e os procedimentos da arte forem aplicados de forma correta, qualquer um poderia alcançar um resultado satisfatório do seu esforço em produzir algo. “Isso não quer dizer que só os naturalmente aptos poderão escrever bem. É comum verem-se músicos, pintores e escritores de pouco sangue artístico compor obras de quilate acima do medíocre⁸⁷”. A arte depende do afinco do indivíduo, que precisa se empenhar em praticar e ter vigor no labor artístico, que por sua vez depende de inúmeros exercícios e não de uma virtude de nascença.

Esse ensinamento dado pelo professor mineiro é algo que também encontramos no filósofo alemão. No capítulo “Máximas e flechas”, de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche traz um de seus aforismos sobre a importância de uma escrita ativa: “A vida sedentária é justamente o *pecado*

⁸⁷ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 56.

contra o santo espírito. Apenas os pensamentos *andados* têm valor”⁸⁸. Nietzsche escreve em resposta a Flaubert, que aponta que não se pode pensar e escrever senão sentado. Tanto para o filósofo alemão quanto para Oiticica, algo ocioso, inativo e parado não possui o mesmo valor que o pensamento e a escrita aplicada e laboriosa. A prática, a técnica e o ambiente, aquilo que está em torno do indivíduo, é o que move um grande escritor, ele caminha distante da apatia, do desânimo e da insensibilidade. Além da prática trabalhosa e da técnica, também tem o ambiente. A “ambiência”, segundo a apostila apresentada no Colégio Pedro II, seria o momento histórico, a época, o ambiente, os hábitos sociais em que vive aquele que se expressa através da arte. A ambiência inspira o estilo do autor. Oiticica diz que por isso seria difícil para um asiático enfronhar-se no estilo ático, e o contrário seria igualmente penoso.

Igualmente intolerável para Tucídides escrever ao jeito asiático. E por isso fala-se em estilos nacionais. Verdadeiro milagre ter Nietzsche sacudido a mole do estilo filosófico alemão por ele severamente criticado, e haver eleito, como confessa, para modelo, a concisão maciça de Horácio⁸⁹.

Essa passagem sobre Horácio indica definitivamente que *Crepúsculo dos ídolos* também estava entre as obras que José Oiticica conhecia e trabalhava. Tal afirmação nietzschiana está situada no primeiro parágrafo do capítulo final do livro, “O que devo aos antigos”, em que ele registra suas considerações sobre estilo e escrita. “Não foi diferente no primeiro contato com Horácio. Até hoje não senti com outro poeta o arrebatamento artístico que uma ode de Horácio me proporcionou desde o início. Em algumas línguas, o que foi ali alcançado não pode nem ser *desejado*.”⁹⁰

Horácio, apreciadíssimo por Nietzsche, está entre o grupo de escritores recomendados por Oiticica na segunda lição, mas o filósofo alemão

⁸⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 15.

⁸⁹ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 57.

⁹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 101.

parece ser colocado num nível mais elevado pelo pensador brasileiro. Isso revela que José Oiticica sofreu o mesmo impacto que Nietzsche sentiu ao ler Horácio. Essa comoção não é apenas algo que acontece entre José Oiticica e Nietzsche, mas em *Ecce homo* o filósofo escreve sobre a importância e o desejo de ter leitores que estejam aptos a ler seu trabalho do mesmo modo que os grandes filólogos leram Horácio. “Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor – um leitor como eu o mereço, que me leia como os bons filólogos de outrora liam o seu Horácio”⁹¹.

Horácio e Nietzsche eram exemplos do belo artístico, característica do estilo. Nele acontece o processo da expressão do belo, que para alguns autores pode ser instintivo de início, mas depois se torna consciente. A arte de escrever vem com o aprendizado desse procedimento, que aparece como uma aptidão e vai se tornando ciente, com o exercício prático e o desenvolvimento da escrita. Podemos observar que a escrita é tratada de forma rigorosa e laboriosa; na lição do *Curso de literatura*, o professor mineiro traz uma regra fundamental de Newton, o aprender fazendo, para que aquele que adquiriu conhecimento possa passá-lo adiante. Como podemos observar, é necessário que haja um cânone para o estilo, um modelo que precisa ser seguido com instrução e erudição, com a insistência e o esmero esperados de um intelectual, além do exercício de tentativa e erro, e muita prática para o aperfeiçoamento.

O estilo, processo expressor do belo artístico, há de estar igualmente condicionado a *cânones*, a princípios instintivos, mas, depois, conscientes [...] *Arte de escrever* é o aprendizado do processo de expressão verbal do belo artístico. Para isso, temos de seguir o critério único formulado por Newton para qualquer aprendizado: *aprender, fazendo*. Ora, somente os que souberam e sabem podem transmitir aos inscientes a desejada ciência. Para aprender, tenho de assimilar as obras dos mestres e seguir-lhes as pegadas. Nos institutos de música há uma cadeira de análise harmônica, toda consagrada a exemplificar os modelos mais cotados os melhores jeitos de

⁹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 58.

harmonizar melodias contrapontá-las. Há também, e o veremos adiante, uma análise literária, em tudo análoga à análise harmônica. Empenha-se em desmontar uma obra literária e indicar como foi arquitetada, evidenciando o que nela há *formal*, comum a todos meramente técnico e o propriamente *pessoal*, o *id* do autor, seu gênio, sua sensibilidade, seu pensamento, sua *maneira*⁹².

Nietzsche é visto como um modelo de escrita perfeita no Colégio Pedro II. No decorrer das lições publicadas no *Curso de literatura*, isso fica mais evidente; ele é descrito como um escritor excepcional. Aqui também vemos uma diferença ao observar a leitura de Oiticica e a de Tobias Barreto. Enquanto o fundador da Escola de Recife se apropria de Nietzsche apenas sobre a questão do estilo em defesa de sua crítica, José Oiticica fala sobre o estilo filosófico alemão e o estilo nietzschiano. O estilo não é apenas reconhecido como algo essencial nos textos de Nietzsche, mas pela sua peculiaridade e pela crítica ao estilo tedesco. Em *Ecce Homo*, a “arte do estilo” que Nietzsche traz pode ser comparada em muitos pontos com as condições apresentadas nas lições no Colégio Pedro II. A relação da tensão interna e o tempo dos signos têm semelhanças com o que vimos sobre as lições de ambiência e expressão do belo artístico em seu tempo.

Direi ao mesmo tempo uma palavra geral sobre a minha *arte do estilo*. *Comunicar* um estado, uma tensão interna de *pathos* por meio de signos, incluído o *tempo* desses signos – eis o sentido de todo estilo; e considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs. *Bom* é todo estilo que realmente comunica um estado interior, que não se equivoca nos signos, no *tempo* dos signos, nos *gestos* – todas leis do período são arte dos gestos⁹³.

⁹² OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. pp. 54-55.

⁹³ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce hommo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 57.

A crítica que Nietzsche faz ao estilo pode ser vista em vários escritos. No *Crepúsculo dos Ídolos*, ela está fortemente presente nos capítulos “Incursões de um extemporâneo” e “O que devo aos antigos”. Quando tratamos de Tobias Barreto, vimos a crítica nietzschiana na *Primeira consideração extemporânea* sobre David Strauss, o modo como o Sr. Nietzsche da Basileia desaprova a falta de unidade no estilo alemão, assim como a coloca em posição tributária dos franceses.

Além de compartilhar a mesma preocupação de Nietzsche com o estilo, Oiticica também procura tratar sobre os gêneros literários e discorre sobre a diferença entre prosa e verso. De acordo com seus estudos, verso é a linguagem ritmada regularmente e a prosa seria o oposto, a linguagem ritmada de forma irregular. Entretanto, ele considera que pode acontecer, em raras exceções, da prosa ser bem ritmada como acontece na obra do autor de *Assim falava Zaratustra*. Asseverando novamente uma relação particular com o filósofo, ele não o coloca somente como um dos maiores escritores e portador da maior parte dos exemplos do belo artístico, mas também como uma exceção que produz efeitos que nenhum outro escritor consegue atingir. Também nos chama a atenção que o professor mineiro trabalhe com as obras na língua original enquanto outros registros de intelectuais brasileiros da mesma época mostram que eles liam escritos de Nietzsche em traduções francesas⁹⁴. Como veremos, a leitura dos textos na língua original faz parte do legado da Escola de Recife; Tobias Barreto, Sílvio Romero, José Oiticica, Gilberto Amado, entre outros, tinham o domínio da língua alemã.

Ao revés, pode haver ritmo preconcebido e sugestão a valer em muita prosa: a de Nietzsche, por exemplo, em *Also sprach Zarathustra*. Não esquecer que Nietzsche declarava ter aprendido a escrever sua prosa com o poeta Horácio⁹⁵.

⁹⁴ De acordo com a obra *Transvaluations: Nietzsche en France. 1872-1972* escrita por Douglas Smith, a primeira tradução para o francês veio de Marie Baumgartner em 1877. Ela traduziu a quarta *Consideração extemporânea*, que não circulou para além dos círculos wagnerianos. Depois veio a tradução de *O caso Wagner* por Daniel Halévy e Robert Dreyfus em 1892, mas só com Henri Albert em 1898 começaram a ser publicadas as traduções de obras completas. Desse modo, acreditamos que as traduções francesas que foram utilizadas no Brasil eram de Henri Albert.

⁹⁵ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 74.

Na sexta lição, *Outras qualidades do estilo: concisão, clareza, harmonia, originalidade, vigor*, são apresentadas as características que condicionariam todas as outras; uma delas é a qualidade que Oiticica aponta encontrar em Nietzsche. Entre esses aspectos, notamos a clareza que é “a capacidade de transmissão mais facilmente compreensível do pensamento. O vício correspondente é a *obscuridade*”⁹⁶. A clareza aqui mencionada é um “ambiente mental”, nos termos de Oiticica, e está em oposição à concisão do pensamento, pois tal concisão enfraqueceria e conseqüentemente obscureceria uma ideia. Um escrito jamais deveria perder suas qualidades, enfraquecer ou debilitar-se para o entendimento de um leitor não iniciado. Por isso, Nietzsche poderia perturbar um ouvinte não preparado para o *Assim falava Zaratustra, uma obra para todos e para ninguém*. Ou seja, Oiticica indica que o leitor de Nietzsche precisa estar em um nível acima dos leitores comuns, como se aquele que lê o pensador alemão precisasse ser também um artista para compreender a arte do filósofo, que estaria no último andar do “célebre palácio da arte”.

Portanto, no entender de Oiticica, o “ambiente mental” precisa estar preparado para absorver determinadas ideias, e também não deve se apressar ou ser lacônico ao escrever; não é preciso sacrificar o pensamento para ser acessível, nem ser desonesto com o próprio pensamento para atingir mais público. O escritor que atinge esse nível artístico da escrita e estilo é capaz de produzir versos que levam os leitores a níveis superiores.

Nietzsche, tão castiço em tudo, atordoa muito ingênuo que, sem preparo prévio, investe para o Zaratustra. [...] É que o célebre palácio da arte possui sete andares e, quando o artista fala no sétimo somente o podem plenamente interpretar os ouvintes iniciados no seu plano. [...] Já os versos de Nietzsche exigem subida longa a níveis superiores⁹⁷.

⁹⁶ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 85.

⁹⁷ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 86.

Nas lições do curso do Colégio Pedro II, aparece a preocupação do professor mineiro com a separação dos parágrafos, que ele aponta como sendo uma característica instintiva dos escritores bem pensantes. Essa peculiaridade é muito conhecida entre os leitores de Nietzsche; suas obras sempre utilizam a estratégia de enumerar os parágrafos, mesmo que eles façam parte de uma dissertação ou de um tipo de texto em que normalmente não haveria essa divisão. Por isso, Oiticica afirma que o filósofo da Basileia pode ser considerado mestre em seu estilo de escrever: ele consegue encadear seus pensamentos e lhes dar coerência. O encadeamento de ideias e a criação de uma especificidade faz com que o autor não se perca em conceitos e nem em seu contato com o tema.

Entretanto, muito importa encadear os pensamentos, de tal modo que se sinta a unidade do todo. Ainda nisso é Nietzsche incomparável mestre. Tudo se prende à lógica extrema do autor. Os espíritos dedutivos têm muito mais capacidade de concatenação que os indutivos. Estes, como Emerson, saltam de um conceito a outro, andando sobre cumes, como diria Nietzsche. Cada passo transporta o leitor *sete léguas* adiante e, por vezes, o próprio autor perde o fôlego e contato com o tema⁹⁸.

As palavras de José Oiticica sobre a lógica “extrema” do autor e o andar sobre cumes sugere a leitura do capítulo “Do ler e escrever” de *Assim falava Zaratustra*, obra que é referenciada inúmeras vezes e pode ser considerada uma das prediletas do professor brasileiro. Zaratustra diz: “Nas montanhas, o mais curto caminho vai de cima a cima; mas é mister ter pernas largas. É mister que os aforismos sejam cumes, e aqueles a quem falas, homens altos e robustos”⁹⁹. O texto de Oiticica se aproxima muito do escrito nietzschiano sobre a questão do leitor ocioso. Nietzsche se preocupa com aqueles que só leem por divertimento e, dessa forma, arruínam a inteligência e a cultura, guiados pela mediocridade da subliteratura.

⁹⁸ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 138.

⁹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 58.

Na décima nona lição do curso de literatura, Oiticica aborda o *Movimento no estilo*. O termo movimento mencionado pelo autor do *Manual de estilo* trata da capacidade do escritor de trazer clareza, harmonia e vigor ao texto. Para mostrar um exemplo desse movimento, ele destaca o escrito *Der Wille zur Macht* de Nietzsche. O professor mineiro afirma que, sem a concisão nietzschiana, por vezes rígida, o autor poderia se perder nas ideias. Oiticica traduz o começo de *Vontade de potência* e mais uma vez podemos observar o trabalho do professor com a obra original. Observamos que ele dá importância às traduções, o que indicaria também sua preocupação em ler obras na língua original. Essa apreensão fica muito clara quando ele diz que o estilo conciso de Nietzsche era maltratado nas traduções.

Neste ponto, a primeira qualidade é a concisão. O estilo conciso tem, só por si, passos ligeiros e leves. Nietzsche, investindo contra Wagner, caracteriza a música de Bizet, vendo-a vir com pés de lá. Nietzsche sentia o gozo desse alígero andar, o andar do seu estilo másculamente conciso, tão maltratado nas traduções. Assim começa *Der Wille zu Macht*: *Exponho aqui a história dos próximos dois séculos. Registo o que vem, o que já não pode vir outros o surto do Niilismo. Tal história já se pode escrever, pois a própria necessidade opera aqui. Esse porvir já fala por cem signos; esse destino em tudo se revela. Para essa música do futuro, já se aguçam todos os ouvidos. Toda a nossa cultura européia move-se, desde muito, com torturas de tensão recrescente, de década em década, ameaçando catástrofe; inquieta, violenta, destrutora, como tormenta ansiando ao fim, já insofreável e, por isso, medrosa de sofrer-se¹⁰⁰.*

A questão das traduções e do trabalho com a obra original é um ponto muito importante a ser destacado, porque havia essa dificuldade na época dos autores estudados nesta pesquisa. Essa não é apenas uma dificuldade contemporânea na academia ou da época em que começavam a florescer os primeiros estudos acadêmicos no Brasil, mas é algo que atinge vários lugares do mundo em que a obra de Nietzsche chegava. Em *Crepúsculo dos ídolos* ele escreve: “Com que frequência me perguntam por que, afinal,

¹⁰⁰ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 181.

escrevo em *alemão*: em nenhum outro lugar sou tão mal lido como em minha pátria. Mas quem sabe, enfim, se eu também *desejo* ser lido hoje?¹⁰¹. Essa citação não é apenas sobre como Nietzsche quer que seus textos sejam lidos, mas sobre o embaraço de não ter leitores e tradutores para a sua obra na Europa. Enquanto isso, parte do nordeste brasileiro lia Nietzsche na língua original; podemos dizer que o filósofo tinha leitores em lugares que provavelmente não esperava encontrar. Como os textos chegaram à Escola de Recife em tão pouco tempo da data de publicação original continua sendo uma incógnita. No Rio de Janeiro alguns círculos intelectuais também estudavam textos de Nietzsche, mas eram traduções incompletas do francês.

Apoiado no livro de Jean Suberville, *Théorie de l'Art et des genres littéraires*, Oiticica assenta a importância do grau de força, do encadeamento e da progressão de ideias como a primeira condição do movimento no estilo. De modo contrário, o texto pode ficar frouxo e devagar. Para exemplificar, ele menciona José de Alencar, que já tinha observado os problemas nas subordinações continuadas. Em seguida, evoca Nietzsche para asseverar tal crítica que era vista por ele no estilo científico alemão e a lerdeza dos escritos que faziam a composição periódica afrouxar e perder o ritmo.

José de Alencar observara já que as subordinações continuadas *afrouxam* o estilo dos clássicos. Disso dei amostra em meu *Manual do Estilo* com um trecho de Jacinto Freire. Bastou redigi-lo, evitando as subordinações entrelaçadas, para dar-lhe clareza e movimento. O estilo científico alemão, criticadíssimo por Nietzsche, devia sua lerdeza, especialmente, a tal processo de composição periódica¹⁰².

Como podemos observar nas diversas menções, o filósofo alemão é o principal modelo para o catedrático de literatura do Colégio Pedro II. Para Oiticica, em Nietzsche se encontram todas as qualidades e características de um grande escritor. Ele possui o estilo, o ritmo, a aptidão para a escrita, a

¹⁰¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 100.

¹⁰² OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 182.

aproximação com o belo artístico, a harmonia das palavras, o vigor dos grandes autores, escreve versos que atingem níveis superiores no palácio da arte e que não são acessíveis por qualquer um. Também possui a clareza, a particularidade principal que permite a presença de todas as outras. Oiticica afirma que o nível dos escritos de Nietzsche e de seu trabalho em *Assim falava Zaratustra* só é comparável à Bíblia.

Como vimos, a divisão e enumeração dos parágrafos é uma característica que chama muito a atenção de Oiticica; isso faz com que ele também organize os parágrafos de forma muito semelhante à de Nietzsche. A forma como subdivide o texto não é apenas uma coincidência em relação ao que encontramos no filósofo alemão. Na décima segunda lição, nomeada *Capítulo, parágrafo, sequência de ideias*, o autor explica a importância dessa configuração. “O capítulo normal divide-se em parágrafos. Como exemplo, darei minhas lições. Cada uma delas é um capítulo e cada capítulo vem dividido em parágrafos. Defino parágrafo: cada aspecto de um tema ou episódio¹⁰³”. O professor brasileiro afirma que a enumeração de parágrafos é o melhor processo distintivo na literatura utilitária, por isso ele mesmo a usa em todo seu curso e outros textos, mas que na literatura artística isso geralmente não acontece. Oiticica fala da *Bíblia* como um dos célebres livros que utilizam a separação em parágrafos, mas cita *Assim falava Zaratustra* para dar um exemplo mais característico desse estilo e aproveita para fazer um exercício enumerando o começo do capítulo *Do novo ídolo* em dez partes.

O livro mais característico dessa divisão dos capítulos em parágrafos é *Also sprach Zarathustra* de Nietzsche. É tão bem feita a especificação que se podem numerar como estou fazendo em minha tradução. Eis um exemplo: o capítulo *Von neuen Götzen* (Do novo ídolo). Darei alguns parágrafos, não numerados no original, mas que numeramos como versículos, tal a unidade de cada qual:

1. *Algures, ainda há povos e rebanhos, mas não entre nós, irmãos; aqui há Estados.*

¹⁰³ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. p. 136.

2. *Estado? Que é? Upa! Abri bem as ouças, pois agora vou dizer-vos da morte dos povos.*
3. *Chama-se Estado o mais frio dentre os monstros frios. E mente friamente e sai-lhe da bôca esta mentira: “Eu, o Estado, sou o povo”.*
4. *É mentira! Criadores foram os que formaram os povos e alçaram, acima deles, uma fé e um amor: assim, serviram a vida.*
5. *Destruidores são os que armam, para a maioria, armadilhas e lhes chamam Estado; alçam sôbre ela uma espada e cem apetites.*
6. *Onde ainda há povo, êste não compreende o Estado e odeia-o como a ôlho mau e crimes contra costumes e direitos.*
7. *Dou-vos êste índice: fala cada povo sua língua do bem e do mal; mas não entende o vizinho. Inventou sua língua para seus usos e direito.*
8. *Mas o Estado mente em todos os idiomas do bem e do mal e, no que diz, mente e, o que tem, furtou.*
9. *Falso é tudo nêle; com dentes furtados, morde êle, o rezingão. Suas próprias entranhas são falsas.*
10. *Algaravia do bem e do mal: êste índice vos dou como sinal, do Estado. Em verdade, ânsia de matar. Em verdade, acena aos pregadores de morte!*¹⁰⁴.

Essa característica não é algo que ficará somente em sala de aula; a divisão de parágrafos e sua enumeração vão perseguir Oiticica em toda sua carreira. Como veremos adiante, o famoso manual anarquista do professor mineiro é escrito inteiramente dessa forma. No momento em que parte do capítulo “Do novo ídolo” da obra *Assim falava Zaratustra* ocupa seu lugar no *Curso de literatura*, Oiticica menciona o nome do livro e também o do capítulo em alemão. Ao compararmos a tradução feita por José Oiticica com as traduções hodiernas mais respeitadas dentro da pesquisa acadêmica brasileira sobre Nietzsche e com a consultoria de especialistas na língua alemã, podemos afirmar que a tradução de Oiticica foi realmente feita do alemão e

¹⁰⁴ OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960. pp. 136-137.

pode ser classificada como excelente. Levantamos a hipótese de que mesmo que ele trouxesse os títulos em alemão, poderia ter cometido algum erro ou equívoco nas palavras traduzidas, ou até mesmo poderia ter usado uma tradução francesa como apoio, mas conferimos que o trabalho e a leitura na língua original feita pelo professor mineiro são legítimos e de alto nível.

Não podemos deixar de observar que a seleção do texto feita por Oiticica para ser usada como exemplo em sala de aula corrobora seu pensamento sobre o Estado. A lição que apresenta a tradução do texto de Nietzsche no *Curso de literatura* é de 1916 e o levante anarquista para derrubar o Estado brasileiro acontece em 1918; não há como não notar essa proximidade entre a leitura dos textos nietzschianos e o que Oiticica vinha planejando. *Assim falava Zaratustra* fazia parte do material preparado para as aulas. Além de ser citada inúmeras vezes no curso, ela também pode ser considerada base para o pensamento que vai eclodir no movimento libertário que estava muito próximo. Como veremos a seguir, além dessa obra ter sido comumente utilizada entre grupos anarquistas, ela também servirá de base para o que José Oiticica considera como modelo de homem.

Vários temas da filosofia de Nietzsche foram utilizados de forma intensa pelos anarquistas. A crítica nietzschiana ao Estado e ao comportamento social de rebanho, o anticristianismo, o além-do-homem e seu exame da cultura serviram muito bem aos libertários. As ideias de Nietzsche que estão embutidas no exemplo que Oiticica utiliza no *Curso de literatura* também já tinham sido associadas a movimentos anarquistas fora do país a partir dos textos de Max Stirner. Os textos nietzschianos que criticam o Estado foram ligados aos de Stirner a partir da obra *O único e sua propriedade*, em que o autor manifesta seu antiestatismo e a distância dos valores de cooperação. O autor de *O único e sua propriedade* é conhecido entre os anarquistas como fundador da corrente individualista. Para ele, o indivíduo humano é a única realidade e valor, uma impulsão egoísta e egocêntrica que não se curva diante de um ídolo. O “eu” é a única lei; não há obrigação ou

códigos. Nessa obra, o “único” foi interpretado pelos libertários como a figura do Além-do-homem nietzschiano¹⁰⁵.

Em 1954, Oiticica publica o livro *Fonte perene*, no qual reúne diversos sonetos que escrevera ao longo da vida. A obra é dividida em capítulos e cada parte do livro recebe um nome ou um tema que vai ser o núcleo das composições ali escritas. Um dos capítulos do livro se chama “Assim falou...”, referência direta a *Assim falou Zaratustra*. Nessa parte do livro, o escritor mineiro escreve sobre um novo tipo de homem, uma estirpe que faz ligação direta ao além-do-homem. No soneto *Modelo*, o próprio título da composição pode ser considerado uma referência ao arquétipo de homem que o poeta enfatiza. Os quatro primeiros versos fazem referência ao último capítulo da primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, em que Zaratustra diz aos solitários que um dia formarão um povo. Oiticica utiliza o mesmo termo que Nietzsche, Boas-novas, para dizer que essa notícia alcançará ouvidos delicados e que desse povo eleito nasceria o Além-do-homem.

Se queres que outros creiam, crê primeiro,
Faze-te Boa-Nova e acenda-a em ti
Só terás gestos e aura de pioneiro
Se tua alma fôr surto e frenesi.

Quem deseja arrastar ao seu outeiro
Tribos sem deus precisa ser David,
Ter uma harpa, ter juntas um guerreiro,
Saber cantar e combater por si.

Sê mais tu, mas alguém, mais punho rude,

¹⁰⁵ Esse equívoco entre as figuras pintadas por Nietzsche e Stirner acentua-se durante o fascismo. Stirner foi crítico radical do Estado; curiosamente, ele nunca se pronunciou como um anarquista. Do mesmo modo que aconteceu com Nietzsche, suas ideias foram tomadas de modo que serviram à necessidade de alguns grupos. Podemos citar como correntes anarquistas a mutualista, de Joseph Pierre Proudhon; a de coletivismo autoritário de Mikhail A. Bakunin; e a corrente comunista libertária de P. Kropotkine.

O sem par, o sozinho, o último, o Herói,
O que põe no melhor toda a virtude.

Torna-te exemplo... o exemplo é que constrói!
Finge até que o teu sonho não te ilude
E que a tua amargura não te dói¹⁰⁶.

O além-do-homem é um conceito criado por Nietzsche e tem como alvo o homem de seu tempo; não é algo que depende de fatores biológicos, mas de uma perspectiva afirmativa que atravessa o niilismo. O *Übermensch* volta-se contra a metafísica, o cristianismo, a educação e a cultura. Esse novo tipo de homem que deve surgir é um afirmador da vida que a aceita em sua completude, com tudo que existe de bom e ruim. Ele cria novos valores que favorecem a vida, pois está além do bem e do mal, proclamando que o indivíduo deve renunciar ao conformismo de sua mediocridade e, nesse sentido, ser superado. José Oiticica se apropria deste conceito para descrever um tipo de homem que deve ser um exemplo a ser seguido. O modelo na perspectiva de Oiticica é o de um homem politizado e anuído ao anarquismo. Ao longo do soneto também aparecem outros temas como a tensão entre o material e o espiritual, e o questionamento sobre a existência ou não de Deus. Observa-se que José Oiticica aborda o além-do-homem como um homem político e ao fazê-lo não leva em consideração a necessidade de situar os valores em novo solo, como pensa Nietzsche. A aproximação do conceito nietzschiano ao anarquismo limita as possibilidades de compreender o além-do-homem conforme o autor de *Assim falava Zaratustra* o compreende no conjunto de sua filosofia.

Outro soneto que está presente no mesmo capítulo, intitulado *A coragem*, traz algumas passagens que nos remetem à obra *Para além de bem e mal*. Ao escrever “Olha os perigos sérios com desdém” e “Fita os monstros” nos traz algo muito semelhante ao que vemos no §146 do escrito nietzschiano.

¹⁰⁶ OITICICA, José. *Fonte Perene*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954. p. 139.

Ele escreve: “Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o abismo também olha para dentro de você”¹⁰⁷. Nesse sentido, podemos observar algumas características que podem ser relacionadas ao além-do-homem na perspectiva libertária de Oiticica, do confronto com as mentiras criadas pelas instituições. Entre as peculiaridades, temos a bravura no discurso (não tremas), o enfrentamento (fita os monstros face a face), o homem que ultrapassa a si mesmo, o indivíduo que aceita o nascimento e a morte, a intrepidez diante da igreja (deus) ou do governo (reis) e a preferência do real (sal da terra) ao idealizado (onde as bocas dizem amém).

“Não tremas! Fita os monstros face a face;
Olha os perigos sérios com desdém.
Vive, tu! Morre, tu... seja o trespassse
Hosanas e euges em Jerusalém.

Inda que um papa, um rei, um deus te ameace,
Não recues – arrostar é sempre um bem –
Prefere, ao sal da terra, um desenlace
Em que as bôcas do céu digam: amém!

Se quiserem deter-te, anda; protesta
Se quiserem calar-te; não te assuste
Veneno, espada, cárcere ou canhão.

Mantém tua alma simples sempre honesta
E caminha, através do ódio e do embuste,

¹⁰⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 70.

Salvando os homens em teu coração”¹⁰⁸.

Dentre os anarquistas que citavam Nietzsche e o vinculavam com a corrente, estava Emma Goldman (1869-1940), que o considerava um anarquista honorário, como se pode ler em sua autobiografia¹⁰⁹. Ela é conhecida pelos escritos políticos e por ter fundado o jornal anarquista *Mother Earth*, sendo responsável pelo desenvolvimento do anarquismo na América do Norte. Goldman era influente entre alguns anarquistas brasileiros; suas obras também faziam parte das discussões do grupo intelectual que frequentava a casa do professor mineiro, círculo esse que contava também com outros intelectuais como Coelho Neto, Viriato Correia e Monteiro Lobato.

O pensamento nietzschiano foi importantíssimo para a formação do pensamento de Goldman e ecoou nas discussões que aconteciam na residência da família Oiticica. Nietzsche é citado em inúmeros textos da ativista e de seus companheiros que faziam parte do círculo libertário, como Georg Brandes e Hippolyte Havel. Emma Goldman via em Nietzsche algo inovador, associando o pensamento aristocrático do filósofo com seu movimento político.

Aponto que Nietzsche não era um teórico social, mas um poeta, um rebelde e inovador. Sua aristocracia não foi nem de nascimento nem de bolsa, foi de espírito. A esse respeito Nietzsche era um anarquista, e todos os verdadeiros anarquistas foram aristocratas¹¹⁰.

A aristocracia em Nietzsche está intimamente ligada à moral; é nela que se encontram os valores afirmadores da vida. Na *Genealogia da moral*, o filósofo alemão mostra através do procedimento genealógico que os valores morais possuem uma história e por isso, não são absolutos e imemoriais. Na análise nietzschiana sobre a história da moral, há duas perspectivas avaliadoras, uma que valora o homem e outra que valora sua decadência e

¹⁰⁸ OITICICA, José. *Fonte Perene*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954. p. 142.

¹⁰⁹ Cf. GOLDMAN, Emma. *Living my life*. New York: Alfred A Knopf Inc., 1931.

¹¹⁰ GOLDMAN, Emma. *Living my life*. New York: Alfred A Knopf Inc., 1931. p. 109.

nasce em oposição à primeira. A perspectiva aristocrática, a moral dos senhores, é favorecedora da vida, pois cria os valores para se autoafirmar, aceitando a vida como ela é. A moral dos escravos nasce do ressentimento, pois só existe como negação da outra, invertendo os valores dos senhores e transformando sua impotência em qualidade, em valores opostos. Embora Emma Goldman se aproprie desse pensamento para colocar os anarquistas como um tipo que possui uma perspectiva superior, essa aproximação não condiz com o pensamento de Nietzsche, pois o filósofo faz inúmeras críticas aos socialistas e anarquistas em suas obras. Para o pensador de Sils Maria, os socialistas, anarquistas e cristãos padecem do ressentimento, da moral dos escravos, pois eles transferem a felicidade e a glória para um futuro inatingível. Seja através do juízo final ou de uma revolução, eles valoram a decadência e atacam a força do ódio impotente do ressentimento. Nesse sentido, o anarquismo é um modo de governo doente que quer a aniquilação daqueles contra os quais nada podem.

Emma Goldman também aproxima o termo nietzschiano Além-do-homem e a sociedade, interpretando o *Übermensch* como um estado social em que não germinaria uma raça de humanos fracos e escravos. Chama a nossa atenção que a escritora anarquista negue a interpretação de Nietzsche como inimigo dos fracos, apontando que algumas pessoas possam retirar sentenças dos textos nietzschianos para forjar uma leitura sem critérios e superficial. Mas, ao fazer esse comentário, ela põe em jogo sua própria interpretação, que não é prudente com as obras do pensador.

A tendência mais desanimadora, comum entre os leitores, é a de retirar uma sentença de um trabalho como critério das idéias do escritor ou personalidade. Friedrich Nietzsche, por exemplo, é acusado de ser um inimigo dos fracos, porque ele acreditava no Além-do-homem. Não ocorre aos intérpretes superficiais que aquela gigante mente que teve esta visão do Além-do-homem, também clamou por um estado da sociedade que não vai dar origem a uma raça de fracos e escravos¹¹¹.

¹¹¹ GOLDMAN, Emma. *Anarchism and other essays*. Project Gutenberg, 2001. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/2162>> Acesso em: 20 novembro 2011. p.20.

Devido ao grande número de imigrantes que chegaram ao Brasil a partir de 1890 e a relação que os anarquistas estrangeiros já tinham com Nietzsche, é comum surgir a questão sobre qual teria sido a primeira recepção brasileira, ou como ela teria se iniciado. A Escola do Recife teria realmente lido Nietzsche antes dos movimentos políticos no país? Como observamos em Oiticica, embora os textos do filósofo tenham sido utilizados pelos anarquistas brasileiros, a pesquisa documental sugere outro momento da recepção antes dos movimentos libertários. Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹¹², o fluxo de imigrantes espanhóis no Brasil cresce a partir de 1890. Entretanto, o movimento anarquista trazido por eles tem sua primeira expressão em 1917¹¹³ com a organização dos movimentos operários em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essa informação é importante porque permite, em um primeiro momento, eliminar a hipótese de que a recepção brasileira tenha o anarquismo como fonte primária das obras. Contudo, isso não exclui a possibilidade de terem ocorrido recepções sucessivas e de que futuramente possam aparecer novos documentos que comprovem uma proximidade entre as datas das recepções. Mas no caso de José Oiticica, a apropriação vem desde sua formação em Recife e depois repercute nos movimentos libertários.

¹¹²Em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro>>. Acesso em: 27 abril 2013.

¹¹³ Cf. CANCIAN, Renato. *Comissão justiça e paz de São Paulo: gênese e atuação política (1972-1985)*. São Carlos: Edufscar, 2005.

CAPÍTULO 4 - GILBERTO AMADO: O TÔNICO VIVIFICANTE ALEMÃO

Entre suas inúmeras obras, o escritor sergipano Gilberto Amado publica em 1955 *Minha formação no Recife*, em que descreve suas descobertas e caminhada na escola pernambucana. A obra sobre suas memórias narra seu percurso de 1905 a 1912. O livro que retrata essa jornada de aprendizagem é dividido em cinco partes e cada uma delas se refere a um ano de formação. Os anos de estudo em Recife são divididos em subcapítulos; neles aparecem os momentos da descoberta intelectual que faz de várias obras, entre elas, a de Augusto Comte, Euclides da Cunha e Immanuel Kant. Em meio aos inúmeros resgates feitos pelo aluno recifense, no capítulo sobre o segundo ano de formação há uma divisão dedicada somente a Nietzsche e isso é muito importante por ser algo exclusivo em meio a outras sessões da obra. Outro subcapítulo que se assemelha ao do filósofo alemão por ser dedicado a uma única pessoa é o que está nomeado como Carlos D. Fernandes, amigo de Amado, que conquistou e despertou interesse do escritor pernambucano pela sua imoralidade.

Isso chama a nossa atenção porque Nietzsche também foi reconhecido por esse aspecto por muitos leitores, pois traz inúmeras reflexões em diversas obras sobre a moral. A principal delas é a *Genealogia da moral*, em que propõe um estudo histórico-filosófico do tema, apresentando dois tipos de moral e questionando o valor dos valores. Ou seja, as duas únicas divisões na obra de Gilberto Amado, dedicadas somente a uma figura, pertencem a dois imorais. Uma dessas pessoas é esse grande amigo e a outra é Nietzsche. Tudo se passa como se o aluno da Escola de Recife reservasse um trecho de seu trabalho para falar um pouco desses dois indivíduos que tinham um destaque marcante nesse período e que também eram íntimos do escritor.

Como veremos, ao tratar das apropriações e da apreciação feitas por Gilberto Amado, o filósofo alemão assume grande importância no decorrer de sua vida. Os textos de Nietzsche causaram impacto nas ideias do leitor, nas perspectivas sobre o método de estudo da Faculdade de Direito de Pernambuco. Os textos nietzschianos fizeram com que Amado mudasse a seleção dos autores recomendados pelos professores e o modo como estudava a história da filosofia; por conseguinte, o material alemão também contribuiu para reflexões sobre o Brasil. O registro que nos chama muito a atenção está no final do subcapítulo anterior ao de Nietzsche, intitulado “Os livros me tapavam a vista”. Nesse momento Amado escreve sobre autores que tomaram conta de sua existência. “Minha vida não me pertencia. Os autores tinham-se dela apoderado, gritavam dentro de mim, mais alto, com mais força do que os rapazes com quem conversava, as mulheres que procurei, os exames e os discursos que fiz”¹¹⁴. Ele estava no segundo ano de faculdade, um momento que não passava de leituras e viver rotineiro, sem companhia de colegas ou conversas em café, sem saídas noturnas, nada disso tinha mérito, segundo Amado nada era assunto importante. “Assunto não se procura, impõe-se. Bate-nos na caneta, diz-nos ao espírito: aqui estou. Às vezes com insolência, descaridosa, cruelmente, força-nos a saltar da cama, de noite, para atender-lhe à pressão obsedante”¹¹⁵. Em meio a toda essa aflição que atinge Amado, em 1906 ele ultrapassa sua condição. Nesse ano “iria desaparecer o farmacêutico, o professorzinho de química, o coletor de conhecimentos de carga”. Para essa nova fase, ele destaca um fato fundamental para sua vida acadêmica, arrematando o parágrafo final da subdivisão do capítulo ao trazer Nietzsche como um ponto significativo de transição de seus estudos. “O ano de 1906 ia findar [...]. Antes, porém, um fato fundamental: a chegada ao Recife dos livros de Nietzsche”¹¹⁶.

Embora a obra *Minha formação no Recife* seja de 1955, podemos observar que Gilberto Amado teve contato com os escritos de Nietzsche em

¹¹⁴ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 143.

¹¹⁵ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 145.

¹¹⁶ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 145.

sua formação na Escola de Recife, no período a partir de 1906, quando os livros do filósofo chegaram à biblioteca¹¹⁷. Nietzsche foi indispensável e estimulante para ele, pois lhe trouxe uma nova visão, fazendo-o interrogar novamente os grandes pensadores e os clássicos lidos na etapa de formação. Não é por acaso que menciona Nietzsche logo após o subcapítulo “Os livros me tapavam a vista”; o filósofo fez com que Gilberto Amado revisasse seu material de estudo, lançando uma nova perspectiva sobre o que tinha lido a respeito da filosofia de modo geral. O estudante confere, segundo suas próprias palavras, um “poder tônico” aos escritos de Nietzsche, descrevendo-os como uma droga poderosa, uma substância mágica que muda a perspectiva de mundo e os caminhos na busca do conhecimento. Nietzsche é vivificante e multiplicador de forças, impulsiona ao caminho do conhecimento e aguça os olhos e os ouvidos, faz o leitor quebrar os limites até então impostos por outros intelectuais, faz do impossível algo possível e tira o espírito do estado neutro, lançando-o a auras imprevisíveis e clarezas inesperadas.

Mas para mim neste livro considero indispensável frisar antes de tudo o papel estimulante que a um jovem como eu, que começava a enveredar pelos caminhos do conhecimento, Nietzsche exerceu. Nenhum tônico mais vivificante do espírito, mais multiplicador de forças. Droga poderosa que aguça a vista, faz ouvir mais, quebra os limites da vida neutra e nos transporta a um plano em que o impossível se torna possível. Substância mágica que abre ao espírito auras imprevisíveis e estende entre as coisas clarezas inesperadas. Com ele, o tempo interroga de novo¹¹⁸.

¹¹⁷ Entre o momento do primeiro registro nietzschiano por Tobias Barreto e o escrito de Amado, fica claro que a Escola de Recife sentiu a necessidade de trazer os escritos de Nietzsche para sua biblioteca. Mesmo não havendo registros, o folclore popular da Faculdade de Direito de Pernambuco relaciona a chegada dos livros na biblioteca a Tobias Barreto, devido à sua posição dentro da faculdade e por estar envolvido com tudo que era relacionado à Alemanha naquele momento, como revistas, jornais e livros. Em visita à coleção fechada de Tobias Barreto, a bibliotecária responsável pela coleção exclusiva da faculdade, Maria Marinês Gomes, nos informou que existe um trabalho sendo desenvolvido sobre a entrada dos livros que formaram a biblioteca da Escola de Recife. Além disso, existem centenas de livros que ainda não foram catalogados em Pernambuco e mais obras raras que ficaram em Sergipe, na casa de Tobias Barreto.

¹¹⁸ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2^o ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 153-154.

Como vimos, Nietzsche fora apropriado como um literato ou libertário. Agora se abre uma nova forma de ver o filósofo; é talvez o primeiro momento em que ele realmente é visto como uma figura do panteão filosófico entre os alunos da faculdade pernambucana. Quando Amado afirma que após Nietzsche o “tempo interroga de novo”, entendemos que o leitor o percebe como um crítico porque aparece uma ruptura dogmática em que se questiona aquilo que não vinha sendo discutido, o que parecia oculto aos olhos de alguns, que agora aparece para ser contemplado em novos horizontes. Essa característica da experiência do aluno nos aproxima de uma leitura que poderíamos classificar mais como a de um Nietzsche iconoclasta.

Amado afirma que leu várias obras de Nietzsche, entre elas *Aurora*, *Humano, demasiado humano*, *Considerações extemporâneas*, *Gaia Ciência*, *Assim falava Zaratustra*. E assevera a importância do filósofo colocando-o como leitura obrigatória: “Qualquer homem de talento pode ter o que escrever a vida toda somente lendo Nietzsche”¹¹⁹. O filósofo alemão é tido como um poço de conhecimento; ele é completo em todos os sentidos. Essa afirmação de Gilberto Amado lembra bastante o início do prólogo escrito por Nietzsche na *Genealogia da moral*: “nosso tesouro está onde estão as colmeias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras de mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito – levar algo ‘para casa’”¹²⁰. Os textos nietzschianos permitiriam, na perspectiva do escritor sergipano, que qualquer leitor que tivesse contato com eles não saísse de mãos vazias.

Nessas referências limito-me a indicações perfunctórias, esclarecedoras talvez a leitores futuros do modo por que formávamos o espírito de Pernambuco, ao sabor dos acasos. Fui a Goethe depois de ter passado por Nietzsche, a Schopenhauer depois de ter passado por Goethe! Marcha às

¹¹⁹ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 150.

¹²⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7.

avessas, ao arrepio da sucessão cronológica e das relações de antecedente e conseqüente¹²¹.

Gilberto Amado se mostra íntimo do pensador alemão ao comparar sua relação com ele àquela que o autor de *Assim falava Zaratustra* teria tido com Schopenhauer, que teria despertado sua veia filosófica. Como se pode observar, Amado extrapola a apropriação de um Nietzsche literato. Levando em conta a quantidade de obras lidas, ele parece ser o leitor que mais se aproxima de uma tentativa de “interpretação filosófica” dos textos de Nietzsche em Recife.

Para muitos de toda uma geração, Nietzsche foi o que Schopenhauer tinha sido para ele. Para outros deixou de ser o que fora na primeira hora. Retardatários fiéis como Montherlant ainda declaram hoje: “Nietzsche me aparece a cada momento; encontro-o em todos os caminhos, como o Cristo”. Eu o li sem parar até que Goethe, mostrado por ele, lhe tomou o lugar. De vez em quando a ele torno, apenas para procurar um ou outro aforismo, para verificar um ou outro ponto. Mas quando estendo o olhar sobre o século XIX, como quem olha da planura para a cidade, vejo-o agudíssimo, entre as torres altas. E avalio quanto não teria perdido a paisagem do século XIX sem ele. (Imagine-se o século XVIII sem Voltaire!) O que ele nos traz é tanto!¹²².

Um aspecto que chama a nossa atenção é que ao mesmo tempo que Amado diz que Nietzsche foi o que Schopenhauer tinha sido para ele naquela geração, para outros deixou de ser na mesma hora, mostrando o fácil acesso às obras do filósofo no Recife e, ao mesmo tempo, a rejeição por parte de vários alunos da faculdade pernambucana. Frisa ainda que a leitura do escritor Henry de Montherlant é retardatária e inapropriada por misturar Nietzsche e o cristianismo. O filósofo da Basileia é visto por Gilberto Amado como um dos marcos do século XIX, comparável a Voltaire, como um precursor

¹²¹ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 152.

¹²² AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 149.

do Iluminismo. O iluminista francês é consagrado por suas inúmeras obras de diversos estilos, destacando-se por sua oposição à intolerância religiosa e por ser peça fundamental da Revolução Francesa, além de ter defendido a liberdade civil, religiosa e de comércio. Vale ainda citar que o valor atribuído a Voltaire por Gilberto Amado parte da leitura dos textos de Nietzsche. O Sr. da Basiléia é fundamental na etapa de formação na Faculdade de Direito de Pernambuco, é referência já que o escritor pernambucano sempre volta para verificar seus textos em um ou outro ponto. “Nietzsche me assinalou, mais do que nenhum outro, a importância de Voltaire e sobretudo a de Diderot”¹²³. Chama a nossa atenção que Amado seja tão nietzschiano a ponto de pular o muro da escola do allemanismo para investigar os franceses, Voltaire e Diderot, apresentados pelo Sr. Nietzsche da Basiléia.

Gilberto Amado entendia que Nietzsche não estava somente no campo da literatura e sabia do “mal-uso” (sic) que vinham fazendo dele. “Numerosos contemporâneos em vários países, no tempo da minha mocidade ou antes dela, no fundo pouco mais fizeram do que parafraseá-lo, ampliar, disfarçar, aproveitar o que ele disse”¹²⁴. Como veremos adiante, a utilização dos textos de Nietzsche por Amado serve para o entendimento do filósofo para pensar sobre seu tempo, lançando uma nova perspectiva sobre a Grécia e alterando o pensamento que se tinha de Aristóteles, que era visto somente através das lentes de Augusto Comte.

A Grécia para mim era uma, sorrindo num equilíbrio de linhas harmoniosas. Depois de Nietzsche ficou sendo outra, bem diferente da que os manuais e os helenizantes me haviam mostrado. Apolo passou a ser o “claro” de que Dionísus é o “escuro”. “O sublime é o terrível subjugado pela arte”. “Todo otimismo se resgata e se explica se é trágico”. O bem e o mal, nas suas raízes histórico-sociais, apareceram-me a uma luz nova no quadro dos valores humanos. Nietzsche apressou minha ânsia de ler Platão para melhor conhecer Sócrates. Fêz-me procurar um Aristóteles diferente daquele que Augusto Comte me havia posto na cabeça. [...] De Nietzsche é que fui

¹²³ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 150.

¹²⁴ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 150.

aos moralistas franceses, La Rochefoucauld, Vauvenargues, Chamfort.

Com a leitura de Nietzsche, a Grécia passou a ser diferente dos manuais com que Amado tinha tido contato. A perspectiva sobre Apolo e Dioniso mudou por completo. Essa mudança provavelmente veio com a leitura de *O nascimento da tragédia*. Com *Para além de bem e mal*, obra também mencionada no capítulo, veio uma nova luz sobre o quadro de valores humanos, além de acrescentar os moralistas franceses ao plano de estudos. A leitura de Platão foi antecipada para que se pudesse entender melhor Sócrates. Isso nos faz entender porque Nietzsche foi algo tão vigoroso para Gilberto Amado, pois fazia com que o aluno percorresse novamente os antigos caminhos vendo um mundo novo.

Todo o texto do autor de *Minha formação no Recife* é riquíssimo em citações de Nietzsche. Após falar sobre os autores que pareceram diferentes através da perspectiva do filósofo, ele confessa ter pensado inúmeras vezes em se dedicar à escrita de uma obra em torno do tema “Nietzsche e os franceses”. “Tão embebido estava êle nas fontes francesas da culta que uma vez exclamou para si mesmo: ‘Eu devia escrever em francês. Na França é que eu seria compreendido’”¹²⁵. O capítulo também traz alguns pensamentos sobre Stendhal, Balzac, Flaubert, Bourget e Wagner. Ao falar sobre a relação de Nietzsche com o compositor alemão, Gilberto Amado expõe uma análise do vínculo entre eles, mostrando entender o poder da música para filósofo, citando inúmeras partes da sua obra. Isso mostra que a leitura e acompanhamento de Nietzsche não se davam somente com as obras do pensador, mas ele procurou saber mais sobre o que aconteceu após o surto em Turim. Isso aparece de forma clara quando Amado escreve o que Nietzsche teria dito em seu leito de morte sobre Wagner: “A êste amei de veras”.

¹²⁵ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 150.

E em música? “Sem música a vida seria um grande equívoco”. “A música nasceu na sombra; o ouvido desenvolveu-se nas cavernas profundas e nas florestas escuras; o homem apurou o ouvido no temor do perigo. A música é filha do medo”. Nietzsche e os seus encontros e desencontros com Wagner. “E’-me impossível reconhecer grandeza em quem não seja honesto e sincero consigo mesmo”, disse quando Wagner se prostrara “diante da cruz”, compondo *Parsifal*. Mas quando prestes a morrer, no único momento em que lucidez lhe voltou depois de doze anos, disse para um retrato de Wagner que lhe puseram à frente dos olhos: “A êste amei deveras”. Das suas convergências e divergências com Wagner resultou, na sua obra, uma parte a que voltam sempre mesmo os que daquela se libertaram definitivamente¹²⁶.

Também chama a nossa atenção que Amado tenha conhecimento da parte da obra de Nietzsche que estava relacionada a Wagner. A convivência e a separação deles estão nos textos do filósofo. Mas alguns pesquisadores que estudaram e se especializaram no criador de *Assim falava Zaratustra* também costumam separar sua obra em fases: a que ele sofre influências de Schopenhauer, depois de Wagner e a última em que ele está desacompanhado desses grandes mestres. Isso pode ser notado no momento em que Gilberto Amado diz que, apesar das convergências e divergências com o compositor de *Parsifal*, existe uma parte da obra que sempre é revisitada, mesmo por aqueles que já se libertaram desse período. Ou seja, Amado sabia diferenciar partes dos escritos nietzschianos e saber se naquele momento o filósofo estava sofrendo ou não a influência de Wagner. Essas informações asseveram que o estudante recifense realmente pesquisou Nietzsche, pois tem essa lucidez em identificar as fases pelas quais o autor passou.

Após percorrer a temática da música, Gilberto Amado passa para a psicologia e escreve: “Quando, anos mais tarde, comecei a interessar-me por Freud, tinha a impressão de estar ouvindo a cada frase que lia ecos de Nietzsche”¹²⁷. Esse comentário é intrigante porque é um tema que ainda é discutido: a questão sobre Freud, se leu ou não Nietzsche, qual nível de

¹²⁶ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 151.

¹²⁷ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 151.

relação que teve com as obras ou ideias do filósofo, é conteúdo para estudos e discussões que ainda acontecem na comunidade de pesquisadores. Os comentários do escritor da obra *Minha formação no Recife*, nessa subdivisão que escreveu sobre Nietzsche, acerta em inúmeros temas sobre a pesquisa que acabou se criando em torno da obra do filósofo e não apresenta deslizes quanto ao conhecimento que tinha acerca do pensador alemão.

Nietzsche e a psicologia [...] “Da nossa atividade intelectual a maior parte processa-se inconscientemente, sem que nós sintamos. O pensamento consciente é o mais fraco. O instinto é o mais inteligente dos gêneros de inteligência até agora descobertos. O estado de consciência do conhecimento pode ser considerado como secundário, quase como indiferente e supérfluo. Tende a desaparecer, a ser superado pelo automatismo perfeito. Todos os instintos que não acham saída voltam-se para dentro. O que chamamos alma não é mais do que *interiorização* de instintos”. Com o pragmatismo o mesmo sucedeu. Os seus princípios já estavam em forma embrionária e alguns bem acentuados no *Para além de bem e mal*, na *Genealogia da Moral e no Humano – Humano demais*¹²⁸.

Como podemos ver, Gilberto Amado aponta que percebia o pragmatismo nietzschiano em forma embrionária nas obras *Para além de bem e mal*, *Genealogia da moral e Humano, demasiado humano*. Essas informações confirmam mais uma vez que sua abordagem em relação às obras nietzschianas não fica somente no campo literário. O filósofo alemão não só encaminhou novos leitores para a literatura alemã, mas apresentou um conjunto de conceitos que fez Amado rever suas considerações teóricas e aproximar Nietzsche e Freud¹²⁹. Retornando ao questionamento sobre a psicologia, a relação entre Nietzsche e Freud já rendeu inúmeros artigos e discussões.

¹²⁸ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. pp. 152-153.

¹²⁹ Por exemplo, algo que se aproxima embrionariamente de obras contemporâneas, como a *Nietzsche & Freud* de Paul-Laurent Assoun.

Agora uma observação de que não me glorio nem me envergonho. Como em Augusto Comte, com que me havia encontrado no ano anterior, deixei de lado o culto do Grande Ser, Clotilde de Vaux, a Religião da Humanidade, assim também em Nietzsche jamais me entusiasmei pela hipótese do Super-Homem, pela Eterna Volta, pelo anticristianismo, pela parte religiosa da obra. Não me apaixonei também pela “moral dos senhores” oposta à “moral dos escravos”, pelas doutrinas raciais, pelo gobinismo de Nietzsche. Deixei de lado no positivismo o que não era positivo¹³⁰.

Mesmo elogiando diversas passagens e qualidades que via no filósofo de Sils Maria, o autor menciona algumas partes que não lhe agradaram tanto em suas obras. Nesse sentido, Nietzsche é relacionado a Augusto Comte e Amado compara o culto do Grande Ser e a Religião da Humanidade positivista com a hipótese do Super-Homem, da Eterna Volta (eterno retorno) e o anticristianismo, deixando claro seu desafeto pela moral dos escravos, que classifica como uma doutrina racial. Quanto a esse ponto, notamos que Gilberto Amado talvez não tenha realizado uma pesquisa profunda sobre tais conceitos ou possa ter sido afetado pela leitura de outros comentadores. De qualquer forma, ele tem uma visão crítica dos escritos de Nietzsche; é um leitor que não passa pelas obras de forma passiva.

Em 1913, Gilberto Amado faz uma conferência chamada *A chave de Salomão*. Também título da obra que reúne esse texto e outros escritos, foi editada e publicada no ano seguinte. O primeiro ponto que chama a nossa atenção é o título, mas o próprio autor faz questão de explicar que sua escolha não se refere aos tesouros de Salomão ou ao livro de magia com nome homônimo, mas a uma cena de Goethe. Mais precisamente, no episódio em que Mefistófeles fala a Fausto que a chave de Salomão possui poder sobrenatural e pode mostrar a ele o que ainda não foi mostrado, fazendo-o sentir o que nunca foi sentido, podendo ter a possibilidade de experimentar mundos desconhecidos e ver coisas misteriosas, ir para onde quiser¹³¹.

¹³⁰ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 152-153.

¹³¹ Cf. AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 5.

Gilberto Amado se serve da *chave de Salomão* como artifício para falar de sua experiência intelectual e dos raros momentos “em que nossa alma nos visita”¹³². É desse modo que descreve a forma como o ser humano se volta para si mesmo, o momento em que se debruça sobre a própria existência, em que o Eu volta para Nós e clareia os pensamentos onde até então só havia treva. “Que é o homem moderno? [...] O homem vive fora de si mesmo. O homem é o salão, é o jornal, é a usina, é o teatro, é a rua. Só não é êle próprio; só não é sua própria alma”¹³³. O autor critica os homens modernos que vivem separados de seu ser, de sua existência; eles são apenas sua posição social, seu trabalho, sua aparência na sociedade. Mas quando um indivíduo consegue se encontrar, ter a experiência intelectual, ele se torna o super-homem de si mesmo; é o instante em que se retira da miséria para possuir tesouros invisíveis do conhecimento e da erudição. Como vimos nos escritos de *Minha formação no Recife*, Amado se torna super-homem de si mesmo quando encontra Nietzsche, não apenas pelo uso do termo conhecido entre os leitores nietzschianos, mas por ser um dos momentos raros para o espírito, como ele descreve na autobiografia, um poder tônico e vivificante para a alma.

Esses momentos em que o homem é o super-homem de si mesmo, eu os encontro sobretudo diante do mar... Sinto então um alvoroço de convalescença, renovo-me. Corre por mim uma primavera que me perfuma os sentidos, acende-me a bondade no olhar e o entusiasmo no coração¹³⁴.

Esse texto é escrito de forma poética, parece ter um estilo diferente dos demais escritos de Amado porque se apega muito em descrever emoções e a experiência desse sentimento de renovação. Ele saúda a vida e a relação do homem com a natureza, como parte dela; na natureza está a maravilhosa perfeição. “O contemplativo é o senhor do mundo; tem dentro de si os tesouros

¹³² AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 7.

¹³³ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 9.

¹³⁴ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 7.

de Salomão. Não gasta o seu tempo na conquista do supérfluo, porque tem para si o ar vibrante, a montanha luminosa, que lhe bastam como supérfluo”¹³⁵. Essa passagem lembra muito o trabalho de Nietzsche em *Assim falava Zaratustra*, inclusive o uso dos termos “montanha luminosa” e o “ar vibrante”, a montanha como símbolo da altitude que se aproxima do divino. “Quando Zaratustra completou trinta anos, abandonou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para a montanha. Ali, durante dez anos, alimentou-se de seu espírito e de sua solidão, sem deles se fatigar”¹³⁶. E o “ar vibrante” é o ar puro do alto das montanhas em que fica Zaratustra.

Em um depoimento sobre Gilberto Amado, seu amigo Péricles Madureira de Pinho¹³⁷ diz que *A chave de Salomão* está relacionada com o movimento parnasiano da época e com isso traz um novo estilo que contribui para o processo intelectual do Brasil. Por isso, há uma antecipação do que virá acontecer no movimento modernista de 1922¹³⁸. Isso explica a forma poética e sentimental em que é escrito, algo que se aproxima muito mais do trabalho dos simbolistas que travavam uma disputa com os parnasianos da época. Além de elucidar a semelhança poética com a obra alemã, o título escolhido por Amado traz o nome Salomão, que, assim como Zaratustra, possui uma relação com a religião, mas na obra é aplicada por outra perspectiva. O escrito brasileiro não é declaradamente inspirado no famoso livro de Nietzsche, mas possui muitas semelhanças com ele. Nós nos arriscamos a afirmar que é uma tentativa de criar algo parecido com o que o filósofo alemão produziu. O texto *A chave de Salomão* tem uma ligação direta com *Assim falava Zaratustra*. Nele são retratadas diversas ideias que se assemelham muito com as que Nietzsche usa em seu escrito, inclusive Amado faz uso dos mesmos animais que Nietzsche para simbolizar o homem. Nesse sentido, essa obra brasileira seria tão original e moderna como pensam alguns especialistas?

¹³⁵ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 10.

¹³⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 13.

¹³⁷ Amigo de Gilberto Amado e político conhecido por ser ministro da educação no governo de Getúlio Vargas.

¹³⁸ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. XIV.

O homem está no caminho da pedra imóvel donde veio. Quão longe está o homem da agilidade diabólica dos animais inferiores, da indescritível viveza dos insetos, da prodigiosa desenvoltura da serpente, do salto do leão, ou do vôo da águia? O homem é um animal imóvel. [...] Entretanto, observai bem, para compreender a minha conclusão: a vida, por definição é movimento. O homem é de todos os animais aquele a que coube uma partilha menor da vida¹³⁹.

No prólogo de *Assim falava Zaratustra*, a águia e a serpente são os animais de Zaratustra. “Há dez anos ascendes até a minha caverna e ter-te-ias cansado de tua luz e deste trajeto, se não estivéssemos lá, eu, minha águia e minha serpente”¹⁴⁰. A águia e a altura de seus voos simbolizam a elevação do espírito, a cobra enrolada no pescoço da ave forma o símbolo do infinito. Os animais, um aéreo e o outro terreno, nos fazem pensar na elevação da realidade terrestre, na subida da inteligência. O leão está no início da primeira parte do livro, no capítulo “As três metamorfoses”, simbolizando a liberdade e o poder, onde o querer fala mais alto. “Três metamorfoses do espírito vos menciono: de como o espírito se muda em camelo, e em leão o camelo, e em criança, finalmente, o leão”¹⁴¹. As três metamorfoses do espírito estão relacionadas com as mudanças que o homem sofre até chegar ao além-do-homem. O camelo apenas suporta o peso da vida e a carga do conhecimento. Então, o camelo se cansa e quer ser dono de si mesmo, se torna independente como um leão que deseja as coisas e brada o “eu quero”. Então, o leão se torna uma criança que cria pelo prazer de criar e destrói pelo prazer de destruir, ela não é guiada por nenhuma moral e tem um mundo todo para criar, inocente, livre e criadora.

Voltando ao texto de Gilberto Amado, até mesmo quando ele escreve sobre os insetos cheios de vivacidade, encontramos semelhanças aos

¹³⁹ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 23.

¹⁴⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 13.

¹⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 39.

insetos descritos na quarta e última parte de *Assim falava Zaratustra*, no capítulo “Entre as filhas do deserto”. “Semelhante a esses frutos de Meio-dia, aqui estou cercado de alados insetos minúsculos, que dançam e folgam ao meu redor, assim como os desejos e pensamentos mais pequeninos”¹⁴². No final do texto de Amado, o homem moderno é comparado a um sapo por ter a visão limitada, uma alusão que Nietzsche também faz em sua obra, mas citando rãs. O Sr. da Basiléia escreve: “O homem moderno que vai no dorso de uma tempestade vê muito menos que o homem antigo. O sapo não vê senão o charco onde vive e a estrela que o ilustra, de longe”¹⁴³. No capítulo das três metamorfoses de Nietzsche, a rã também está presente. “Ou será submergir-se em água imunda, quando ela é a água da verdade, e não afastar de si as frias rãs e os sapos quentes?”¹⁴⁴.

Além dos animais que aparecem no trecho do texto mencionado, Gilberto Amado faz a crítica ao homem que não está em movimento, que não está em constante vir-a-ser, do homem que ainda é um camelo. A imobilidade retratada em *A chave de Salomão* se refere ao abatimento do ser humano que não se surpreende nem busca novos horizontes. “O Brasil é o país dos homens corredores. Vêde como eles vão! As avenidas estão cheias; de todos os pontos, àvidamente, eles se atropelam na afanosa disparada. Pois continuam parados!”. E em seguida convoca Nietzsche para dizer direto aos brasileiros. “Para eles é que Nietzsche, tão suspeito aos ingênuos, parece ter proferido estas palavras: ‘Homem, excita o teu cérebro!’”¹⁴⁵. O pensador brasileiro mostra estar muito preocupado com o homem brasileiro, criticando sua vulgaridade em diversos textos.

O homem vulgar não crê nas coisas obscuras e inexplicáveis.
Era antigamente o Filisteu. Este nome merece ser mantido. O

¹⁴² NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 377-378.

¹⁴³ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 27.

¹⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 40.

¹⁴⁵ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 24.

filisteu tem um grande horror a tudo o que é misterioso, a tudo o que é inexplicado e não há palavra que mereça mais o seu riso desdenhoso que a de superstição¹⁴⁶.

O modo pelo qual entende o filisteu assemelha-se ao de Nietzsche; nós já o exploramos no capítulo sobre Tobias Barreto, quando o filósofo alemão escreve a *Primeira consideração extemporânea* sobre David Strauss. Como diz Amado, o grande horror do filisteu é o oculto e o inexplorado. Isso acontece porque ele acredita que sua instrução é suficientemente plena para o entendimento do mundo; ele não consegue entender a arte por estar fixado somente em uma erudição de acúmulo de informação.

Além do aspecto filosófico e estilístico nietzschiano, na obra *Grão de areia (Estudo do nosso tempo)* Amado escreve sobre a sua preocupação e reflexões com a Primeira guerra mundial e a participação do Brasil. O escritor diz que o ponto que mais o emociona em relação à guerra não é a situação dos brasileiros nessa luta, mas o esquecimento do indivíduo. Só se veem exércitos e chefes, nações e dominadores, ou seja, a disputa de entidades coletivas. “Enquanto vês apenas a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Rússia, a Belgica, a Rumania, a Servia, a Italia, eu vejo principalmente o francez, o alemão, o inglez, o russo, o belga, o italiano, o rumeno, o sérvio, etc...”¹⁴⁷. No meio de todo volume das massas, no brilho dos batalhões, o indivíduo é esquecido. “Ninguém se lembra delle, do pobre ser humano, ninguém se lembra dos individuos esmagados no choque dos batalhões aos milhares, como protozoários sob uma arvore que tomba ou destruidos na furia de um cyclone”¹⁴⁸. A guerra destrói uma geração que ainda não descobriu sua finalidade no conflito em questão de minutos. Mesmo aquele que esmaga milhões por motivos escusos parece não saber com o que está jogando. É isso que as nações fazem com os indivíduos, pois são regidas pela lei da necessidade. Ao trazer o papel do Estado, Nietzsche vem à tona.

¹⁴⁶ AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971. p. 25.

¹⁴⁷ AMADO, Gilberto. *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. p. 34.

¹⁴⁸ AMADO, Gilberto. *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. p. 34-35.

A lei da necessidade delas é que os rege, e assim como nenhum homem se detem no seu caminho para interrogar o miseravel infusorio que os seus olhos não distinguem, assim também o Estado, “o mais frio dos monstros frios”, no dizer de Nietzsche, quando trata de cumprir os seus designios, não pergunta se o indivíduo humano, que o sustenta, e o creou, para ser por elle devorado, tem sensibilidade, e sofre, debaixo da sua pata implacavel¹⁴⁹.

O escrito de outubro de 1917 faz referência aos indivíduos que não se mantêm imóveis ao turbilhão do egoísmo superior. São homens que, assim como os grãos de areia, são arrancados de seu pouso contra sua vontade. São retirados de sua tranquilidade e lançados na guerra, nas intenções egoístas de uma autoridade, do Estado. Segundo Amado, pensar que grãos de areia possuem cérebro e coração, tendo a inteligência aguda e o senso da independência moral, faz com que a situação do homem só pareça pior do que foi em outras épocas. “A morte nunca foi tão escura e triste como nessas hecatombes anonymas da guerra actual”¹⁵⁰. É um momento em que não há expectativa ou promessas de amparo ou compensação futura. Antigamente, cada homem tinha uma ambição e q procurava preencher como um guerreiro, a riqueza, vantagens, a eternidade e o engrandecimento individual, o aumento do seu patrimônio.

A violencia da lei que suspende o grão de areia acima do solo onde jazia tranquilo para o obrigar aos tesvolteios no espaço, sem que lhe deixe nenhum meio de furtar-se ao seu despotismo – não é mesma que a da vontade convulsiva das classes predominantes paralygando todas as resistencias e arrastando as massas?¹⁵¹

¹⁴⁹ AMADO, Gilberto. *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. p. 36.

¹⁵⁰ AMADO, Gilberto. *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. p. 38.

¹⁵¹ AMADO, Gilberto. *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. p. 37.

Ao retomar a crítica ao Estado em um outro momento do texto, Amado traz *Assim falava Zaratustra* mais uma vez, mas de forma implícita. O escritor pernambucano utiliza o início da primeira parte do escrito nietzschiano, As três metamorfoses, para descrever o Estado, o monstro insensível que fere o indivíduo e lança sua força esmagando os homens sob a denominação de liberdade. “Todos os valores já foram criados, e todos os valores criados: sou eu. Na verdade, não deve haver daqui por diante ‘eu quero’. Assim falou o dragão.”¹⁵². O dragão aparece como símbolo do poder opressor da liberdade humana, como a moral social, o Estado.

Obedecer é o primeiro dogma. Essa palavra que resume em relação ao Estado todo o programma por elle imposto ao individuo, não pode ser examinado por nenhuma consciencia por mais alta e autorisada que seja. E’ o “grande dragão” de que fala o philosopho e que o homem encontra na sua frente de qualquer lado a que se volte. “Tu deves!” – assim clama o dragão. Aparecendo alguém que lhe responda o grito ousado: “Não!” logo o monstro o devorará¹⁵³.

Observamos que Gilberto Amado faz referências a Nietzsche na maioria de seus escritos, sejam poemas ou críticas. Além das semelhanças que destacamos, notamos algo que passa quase despercebido no trecho sobre o dragão: é o fato de Nietzsche ser chamado apenas de “philosopho”, sem ter seu nome citado explicitamente. É como se sua obra fosse de conhecimento comum entre os leitores a quem Gilberto Amado se dirigia. Os dois escritos de que Amado se apropria para falar da guerra estão na primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, mas não fazem parte do mesmo capítulo. A crítica ao Estado é baseada no capítulo Do novo ídolo e as transformações e o dragão do “tu deves” pertencem ao começo da primeira parte da obra, As três metamorfoses.

¹⁵² NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 41.

¹⁵³ AMADO, Gilberto. *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919. p. 59.

Por fim, o livro *Poesias* de 1954 apresenta uma compilação das poesias redigidas de Gilberto Amado de 1917 a 1950. Entre seus inúmeros trabalhos poéticos, encontramos uma poesia que traz características e termos do pensamento trágico nietzschiano, como, por exemplo, a dança e o dionisíaco. A poesia em questão se chama “Contraste”.

Se o xale esconde os turbilhões de fogo
 Os cabelos indômitos vermelhos
 Que em vastas vagas de ondulante jôgo
 Fazem dramas de curvas nos espelhos
 A cortesã fatal desaparece...
 A pecadora cruel e deslumbrante
 Torna-se um anjo de vitral em prece
 O oval do rosto é o da Beatriz de Dante.
 Presos os cachos no tecido ocultos
 A castidade resplandece em flor
 Ela é a virgem dos sagrados cultos
 Mas sôlta a coma côm de sangue orgíaca
 Logo a repõe no báquico esplendor
 Da fulva dançarina dionisíaca¹⁵⁴.

Como se pode observar pela poesia e pelos inúmeros escritos de Gilberto Amado, Nietzsche foi o filósofo mais influente na vida do brasileiro. As obras do aluno da Escola de Recife são riquíssimas e carregadas de referências a inúmeros pensadores, mas nenhum se compara ao pensador alemão. Os textos nietzschianos atravessam quase todas as reflexões de Amado; como ele escreveu na obra sobre suas memórias no Recife, com Nietzsche há material para escrever sobre qualquer coisa pelo resto da vida. Esse parece ter sido o caminho tomado pelo escritor brasileiro. Nietzsche foi

¹⁵⁴ AMADO, Gilberto. *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1954. p. 299.

bússola de estudos e o tônico vivificante, dando forma e estilo aos escritos de Amado até o fim de sua vida.

CONCLUSÃO

O primeiro desafio que a pesquisa que realizamos teve de enfrentar foi encontrar obras em que existissem menções explícitas a Nietzsche. Não bastava encontrar autores com ideias semelhantes às dele e julgar que poderiam ter lido seus textos. Por isso mesmo, optamos por investigar círculos intelectuais, suas origens e formações. Então, surgiu um novo desafio: o de ler inúmeros livros, em busca de pistas que atestassem a presença do pensamento de Nietzsche no Brasil. A maior parte das menções ao filósofo se encontra em registros que datam depois de 1900, o que nos fazia acreditar que ele tivesse sido recepcionado primeiramente pelos anarquistas. Mas nossa pesquisa conseguiu trazer um capítulo anterior, colocando a Escola de Recife no mapa da recepção. Através dos documentos levantados, percebemos que a recepção começa em Pernambuco e só depois encontra interlocutores no Rio de Janeiro.

O terceiro desafio consistiu em encontrar um modo de trabalhar tais questões, pois ainda não existem trabalhos que tratem da recepção do pensamento nietzschiano no Brasil. Então, que metodologia deveríamos adotar? Como escrever sobre recepção de uma maneira que fosse ao mesmo tempo histórica e em certa medida filosófica? Para isso precisamos criar nossas próprias ferramentas e pensar na estrutura dos capítulos, de modo a fazer esse entrecruzamento. A recepção acontece em determinado espaço e tempo, e isso determina o tipo de leitor e o uso que será feito dos textos ou das ideias. No Brasil, devido a diversos problemas de conservação histórica, não temos acesso às obras completas que os primeiros leitores de Nietzsche possam ter lido. Muito do material com que trabalhamos está incompleto ou em fase de recuperação; quase todas as obras brasileiras dos pensadores da Escola de Recife que compõem o corpo desse trabalho não estão digitalizadas. Por exemplo, a coleção de obras completas de Tobias Barreto tem cerca de cinco mil páginas e nenhuma delas está no formato digital.

Através da pesquisa, pudemos notar que todas as apropriações aqui examinadas estão ligadas a momentos políticos. Em Tobias Barreto, vimos a importância da revolução praieira, a revolução provincial que marcou o fim do ciclo revolucionário de Pernambuco, para a formação do maligno vapor pernambucano. Ensejando discussões acaloradas na Escola de Recife, o movimento trouxe consigo novos livros e ideias, principalmente dos franceses, que seriam discutidos e combatidos por alguns membros da instituição recifense mais tarde. José Oiticica interessou-se pela revolução russa, viveu o momento de crescimento desenfreado das indústrias e lutou junto à classe trabalhadora. Utilizou Nietzsche para pensar o estado, encontrou parcerias intelectuais no movimento libertário e se inspirou no estilo e nas palavras de *Assim falava Zaratustra* para construir seu curso de literatura e modelar o ideal de homem anarquista. Gilberto Amado sofreu com as preocupações humanitárias, com a participação dos homens de seu tempo na Primeira Grande Guerra. A partir da leitura de obras nietzschianas, pensou sobre o homem contemporâneo e seus deveres para com o governo. Como podemos notar, um estudo de recepção não se restringe ao mundo das ideias; a esfera abstrata da reflexão se mescla inexoravelmente com a realidade.

Mesmo que se esteja estudando a recepção de ideias, elas estão marcadas pela realidade; por isso faz-se necessário o trabalho de contextualização histórica. A necessidade de compreender como alguns pensamentos se assentaram e tomaram forma no Brasil: talvez o que pensamos ter em originalidade esteja em dívida com alguns pensadores, talvez nossa singularidade possa estar na curiosidade de saber o que está se passando lá fora. O estudo da recepção brasileira das ideias de Nietzsche está apenas no começo, mas já mostra certos aspectos que podem diferenciá-la de recepções ocorridas em outras partes. Nietzsche foi lido no Brasil em um momento em que quase não encontrava leitores na Alemanha nem tradutores em países vizinhos.

Dado o número de obras elencadas no levantamento bibliográfico que fizemos, ficou patente de quão promissor pode vir a ser um trabalho desse teor. O material que existe permite que se considere abrir uma nova linha de pesquisa dentro dos estudos nietzschianos que se estende a outras áreas

como a de história, arte e literatura. O trabalho de pesquisa que realizamos serviu como uma espécie de mapeamento das trilhas por que passou o pensamento nietzschiano quando da sua primeira recepção em nosso país. Bem sabemos que cada um dos pensadores da Escola de Recife que elegemos poderia constituir objeto de um trabalho inteiro de mestrado. Mas, quando iniciamos nossa investigação, não tínhamos noção da grandeza desse novo caminho de pesquisa que se abre hoje no Brasil. Por isso mesmo, a ele ansiamos por dar continuidade.

BIBLIOGRAFIA

Obras sobre a recepção de Nietzsche:

ASCHHEIM, Steven E. *The Nietzsche legacy in Germany, 1890-1990*. California: University of California press, 1992.

BIANQUIS, Geneviève. *Nietzsche en France. L'influence de Nietzsche sur La pensée française*. Paris: Félix Alcan, 1929.

KELLNER, Leon. "Nietzsche in England", in *Das Literarische Echo*. Berlin: Heft 17, Juni 1914, PP. 1173-1176.

KRUMMEL, Richard Frank. *Nietzsche und der Deutsche Geist, Band I*. Nova lorque: de Gruyter, 1998.

MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892 – 1939)*. Porto: Universidade do Porto, 1997.

SCHOBBER, Angelika. *Nietzsche et la France. Cent ans de réception française de Nietzsche*. Thèse de doctorat d'État, 3 vols.. Université de Paris X: Nanterre, 1990.

SMITH, Douglas. *Transvaluations: Nietzsche in France 1872-1972*. Nova York: Oxford University Press Inc, 1996.

SOBEJANO, Gonzalo. *Nietzsche en España*. Madrid: Editorial Gredos, 1967.

STEFANI, Manuela Angela. *Nietzsche in Italia. Rassegna Bibliografica, 1893-1970*. Assisi, Roma, 1975.

Obras de Nietzsche:

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. 15 vols. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: de Gruyter & CO., 1988.

_____*Obras completas: Volumen I Escritos de juventud*. Madrid: Tecnos, 2011.

_____*Obras incompletas* (Coleção Os Pensadores). Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

_____*Nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____*Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____*Humano, demasiado humano II*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____*Aurora*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____*A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____*Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____*Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____*Genealogia da Moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____*Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____*O Anticristo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____*Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Obras da Escola do Recife:

AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2^o ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958.

_____ *Grão de areia (Estudos do nosso tempo)*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

_____ *Poesias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1954.

_____ *A chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971.

BARRETO, Tobias. *Obras completas*. 10 vols. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1926.

_____ *Estudos de filosofia*. São Paulo: Grijalbo, 1977

_____ *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

OITICICA, José. *Manual de estilo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1944.

_____ *Fonte Perene*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

_____ *Ação direta*. Meio século de pregação libertária. Seleção, introdução e notas Roberto das Neves. Rio de Janeiro: Germinal, 1960.

_____ *Curso de literatura*. Organizado por Roberto das Neves. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960.

ROMERO, Sílvio. *A philosophia no Brasil – Ensaio crítico*. Porto Alegre: Typographia da deutsche zeitung, 1878.

_____ *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos*. Porto, Oficinas do Comercio do Porto, 1909.

Comentadores de Nietzsche:

COLSON, Daniel. *Nietzsche e o anarquismo*. In: *Revista Verve*, São Paulo, 13, 134-167, 2008.

_____. Nietzsche and the Libertarian Worker's Movement. In: MOORE, John. *I am not a man, i am a dynamite! Friedrich Nietzsche and the anarchist tradition*, Nova Iorque: Autonomedia, 2004.

DENAT, Céline. A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das Considerações extemporâneas. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, 26, 86-96, 2010.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

MARQUES, António. Observações sobre a recepção de Nietzsche em Portugal: passando por Pessoa até finais da década de noventa do século XX. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, vol. 31, p. 13-27, 2012.

MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Nietzsche pensador mediterrâneo: a recepção italiana*. São Paulo: Discurso editorial, 2007.

_____. *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

_____. *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.

MONTINARI, Mazzino. Interpretações nazistas. In: *Nietzsche pensador mediterrâneo: A recepção italiana*. São Paulo: Unijuí, 2007.

Outras obras:

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Dois pontos editora, 1986.

BARRETO, Luiz Antonio. Tobias Barreto: uma bibliografia. In: BARRETO, Tobias. *Crítica de literatura e arte*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

BISHOP, Paul. *The Dionysian Self: C. G. Jung's reception of Friedrich Nietzsche*. New York: de Gruyter, 1995.

CANCIAN, Renato. *Comissão justiça e paz de São Paulo: gênese e atuação política (1972-1985)*. São Carlos: Edufscar, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Sélvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, São Paulo: Edusp, 1978.

DÍAZ, Carlos. *Max Stirner: Uma filosofia radical do eu*. São Paulo, Imaginário: Expressão e arte, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GLASSGOLD, Peter. *Anarchy!: An anthology of Emma Goldman's Mother Earth*. Washington, Counterpoint, 2001.

GOLDMAN, Emma. *Living my life*. New York: Alfred A Knopf Inc., 1931.

_____. *Anarchism and other essays*. Project Gutenberg, 2001. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/2162>> Acesso em: 20 novembro 2011..

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)*, v. 5. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

OMENA, Maria Aparecida Munhos de. *José Oiticica: da anarquia à anarcopoesia*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *Anarquia nos sonetos de José Oiticica?*. In: *Revista Litteris*, 3, 2009.

PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

STIRNER, Max. *O único e sua propriedade*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Antígona, 2004.